



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

FABIANA FARIAS DE MACEDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E HOMOFOBIA EM ESCOLAS DO
CARIRI PARAIBANO.**

**SUMÉ - PB
2019**

FABIANA FARIAS DE MACEDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E HOMOFOBIA EM ESCOLAS DO
CARIRI PARAIBANO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dr^a Sheylla de Kassia Silva Galvão.

**SUMÉ - PB
2019**

M141p Macedo, Fabiana Farias de..
Práticas pedagógicas e homofobia em escolas do Cariri
Paraibano. / Fabiana Farias de Macedo. - Sumé - PB: [s.n], 2019.

73 f.

Orientadora: Professora Dr^a Sheylla de Kassia Silva Galvão.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro
de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Homofobia. 2. Violência de gênero. 3. Temas transversais e
educação. 4. Escola e homossexualidade. 5. Práticas pedagógicas I.
Galvão, Sheylla de Kassia Silva. II. Título.

CDU: 305(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

FABIANA FARIAS DE MACEDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E HOMOFOBIA EM ESCOLAS DO
CARIRI PARAIBANO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais**

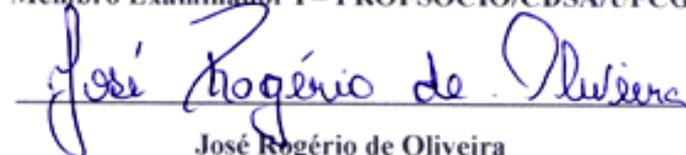
BANCA EXAMINADORA:



**Professora Dra Sheylla de Kassia Silva Galvão
Orientadora – UACIS/CDSA/UFCG**



**Gilmaria da Silva Lopes
Membro Examinador I – PROFSOCIO/CDSA/UFCG**



**José Rogério de Oliveira
Membro Examinador II– PROFSOCIO/CDSA/UFCG.**

Trabalho aprovado em: 11 de julho de 2019.

SUMÉ - PB

Aos meus pais Beatriz Farias e Flauseano Macedo, que sempre estiveram comigo em todos os momentos da vida e fizeram de tudo para que esse momento fosse possível. E a minha Orientadora Dr. Sheylla Galvão pelo grande exemplo de mulher e profissional que é. (Dedico)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, pela vida e por se fazer sempre presente em todos os momentos, me dando força, inspirando, protegendo e guiando.

Agradeço aos meus pais Beatriz e Flauseano e ao Meu irmão Fábio Wesley, pelo o apoio incondicional, sem os quais não seria possível estar aqui, amo muito vocês. Minha base.

A minha orientadora Dra. Sheylla Galvão, ser iluminado que Deus colocou em minha vida. Meus sinceros agradecimentos, por sua atenção, dedicação, paciência, conselhos e por acreditar em mim e me encorajar mesmo quando eu achava que não iria conseguir.

Aos meus amigos, que me acompanharam nessa caminhada, Andreiton Kalby, Aumendes Silva, Felipe Pinto, Maria Márcia, Thalita Carvalho, Thaynar Albuquerque. Presentes que a Universidade me deu, levarei a nossa amizade por toda vida.

A Josiane Veloso, pelo o carinho, incentivo, conselhos, e por me mostrar que tudo é possível.

Ao amigo Mário César, por sua amizade, incentivo e carinho e por sempre estar ao meu lado.

A Sônia por todo apoio e incentivo ao longo desses anos

A Hérica Janaína, pessoa linda e especial, que a vida me deu de presente. Obrigada por tudo, inclusive por acreditar no meu potencial e encorajar-me a seguir mesmo quando tudo parecia perdido. Dedico a você minha gratidão e carinho.

Agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram no processo de formação acadêmica.

A banca examinadora José Rogério e Gilmaria Silva.

A Gestão, Professores e Alunos das três escolas pesquisadas

A todos que diretamente e indiretamente contribuíram para concretização desse sonho.

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre”.

(Simone Beauvoir)

RESUMO

Os altos índices de violência de gênero no Brasil, em especial a violência originada da homofobia tem despertado o interesse em pesquisar o tema, sobretudo porque a faixa etária que mais sofre com esta violência está compreendida entre os 15 aos 19 anos. Desta forma, esta pesquisa escolheu a escola como *locus* primevo de coleta de dados, que teve como objetivo geral avaliar a existência da Violência de Gênero no ambiente escolar de três municípios do Cariri Paraibano. Além de Traçar um diagnóstico da situação de violência existente nas Escolas do Cariri Paraibano; Verificar a existência de Planos Escolares de combate a Homofobia nas escolas do Cariri Paraibano; Apontar se a atuação das Escolas do Cariri Paraibano com relação a Homofobia está de acordo com a legislação vigente no país; Identificar os principais problemas enfrentados pela Escola para implementar ações e políticas de combate a Homofobia; E, Identificar as estratégias utilizadas pelas escolas no enfrentamento a esta problemática, juntamente com os agentes sociais que compõem a escola (direção, professores e alunos), a partir de uma pesquisa do tipo exploratória com abordagem qualitativa e utilização de técnicas de questionário, entrevista e Grupo Focal para coleta de dados que foram analisados a luz da Teoria das Representações Sociais conforme proposto por Moscovici (2013). Os dados indicaram o despreparo dos profissionais da educação em trabalhar a temática de gênero nas escolas, bem como revelaram o lado violento dos comportamentos padronizados e impostos dentro da escola.

Palavras-chaves: Homofobia. Violência de Gênero. Temas Transversais. Cariri Paraibano.

ABSTRACT

MACEDO, F. de F. **Pedagogical practices and homophobia in schools at Cariri of Paraíba state - Brazil.** 2019. 83p. Term Paper. Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Sumé – Paraíba – Brazil, 2019.

The high rates of gender violence in Brazil, especially violence originated from homophobia, has aroused interest in researching the subject, especially because the age group that suffers most from this violence is between 15 and 19 years old. In this way, this research chose the school as original locus of data collection, whose general objective was to evaluate the existence of Gender Violence in the school environment of three municipalities at Cariri of Paraíba. In addition, to mapping a diagnosis of the situation of violence in the Schools at Cariri of Paraíba; To verify the existence of School Plans to combat Homophobia in the schools at Cariri of Paraíba; To indicate if the performance of the Schools at Cariri of Paraíba in relation to Homophobia is in accordance with the legislation in force in the country; Identify the main problems faced by the School to implement actions and policies to combat Homophobia; And to identify the strategies used by schools to address this problem, along with the social agents that make up the school (direction, teachers and students), based on an exploratory research with a qualitative approach and use of questionnaire techniques, interview and Focal Group for data collection that were analyzed in light of the Theory of Social Representations as proposed by Moscovici (2013). The data indicated the lack of preparation of education professionals to work on gender issues in schools, as well as revealing the violent side of standardized and imposed behavior within the school.

Keywords: Homophobia. Gender Violence. Transversal Themes. Cariri of Paraíba.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CID – Classificação Internacional de Doenças

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

DSM – Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GGB – Grupo Gay da Bahia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBTQIAP+ – Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais ou Transgêneros

LDB – Lei de Diretrizes Básicas

OMS – Organização Mundial da Saúde

OCNS – Orientação Curriculares Nacionais

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIVIC – Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica

STF – Supremo Tribunal Federal

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Sexo dos alunos entrevistados	33
Gráfico 2	Idade dos Alunos Entrevistado	34
Gráfico 3	Sexualidade dos alunos	35
Gráfico 4	Você se sente incomodado ao ver um casal de homossexual junto?	38
Gráfico 5	Você já ouviu falar sobre gênero?	39
Gráfico 6	Você já ouviu falar sobre homofobia?	40
Gráfico 7	Homossexuais te deixam nervoso(a)?	40
Gráfico 8	Você já viu alguém da sua escola sofrendo preconceito?	41
Gráfico 9	Você já sofreu algum tipo de preconceito?	42
Gráfico 10	Capacitação durante a formação	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	OBJETIVO GERAL.....	15
1.1.1	Objetivos Específicos.....	15
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	17
2.1	A SEXUALIDADE E A HOMOSEXUALIDADE.....	17
2.2	MUDANÇAS.....	18
2.3	CONCEITO DE HOMOFOBIA.....	19
2.4	TEORIA DE GÊNERO E HOMOFOBIA.....	21
2.5	HOMOFOBIA NA ESCOLA.....	26
3	METODOLOGIA.....	28
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	28
3.2	LOCAL DE PESQUISA.....	29
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	29
3.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	30
3.5	TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS.....	30
3.6	POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA.....	31
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	33
4.1.1	Alunos.....	33
4.1.2	Professores.....	36
4.1.3	Direção.....	37
4.2	CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS.....	37
4.2.1	Alunos.....	38
4.2.1.1	Categoria das falas dos alunos.....	42
4.2.2	Professores.....	53
4.2.3	Direção.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
	REFERÊNCIAS.....	65
	APÊNDICES.....	68

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco a Homofobia, especialmente vivenciada no ambiente escolar, tendo em vista que os casos de homofobia no Brasil são cada vez mais alarmantes, chegando até mesmo a atingir pessoas que não são homossexuais, mas que para os agressores são vistas com comportamentos que não correspondem a heteronormatividade, que ainda impõe-se como padrão comportamental na sociedade atual.

Dessa maneira, instituições como a escola acabam silenciando os casos de Homofobia, e de certa forma excluem as pessoas que não pertencem ao padrão. Segundo Bourdieu (2002) a escola não apenas transmite e constrói conhecimento, mas também reproduz padrões sociais, perpetuando valores e “fabricando sujeitos”.

Os dados da pesquisa realizada por Silva (2014) apontam a violência de gênero no ambiente escolar, especialmente contra a população transgênera como um elemento presente e preocupante nesse ambiente, refletindo, assim, uma tendência de toda a sociedade brasileira com relação a aceitação, naturalização e promoção da violência de gênero.

O Grupo Gay da Bahia (GGB) aponta o Brasil como o país mais homofóbico do mundo. Segundo os dados computados pelo GGB, em 2017, 445 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTQIAP+)¹ foram mortos em crimes motivados por homofobia no Brasil. O número representa uma vítima a cada 19 horas. Os dados de 2017 representam um aumento de 30% em relação a 2016, quando foram registrados 343 casos.

Em 2015 foram 319 LGBTQIAP+ assassinados, contra 320 em 2014 e 314 em 2013. O saldo de crimes violentos contra essa população em 2017 é três vezes maior do que o observado há 10 anos, quando foram identificados 142 casos.

De acordo com o Relatório sobre a homofobia, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos (2011), 16% dos casos de violência de gênero registrados no Brasil atingem diretamente jovens compreendidos na Faixa Etária de 15 a 19 anos. Considerando que essa é uma faixa etária em que esses jovens ainda estão no Ensino Médio, sendo também uma fase, onde o indivíduo passa por um processo de descobertas, e que alguns dessas descobertas,

¹ Neste trabalho adotamos a sigla LGBTQIAP+ para nos referirmos a todas as formas de sexualidade e identidade de gênero. Poderíamos ter utilizado a sigla LGBTQ+ ou LGBTTI, ou ainda apenas LGBT, mas optamos pela LGBTQIAP+ por uma simples questão didática. Ressaltamos que concordamos tanto com a expressão LGBTTI quanto com a LGBTQ+, ambas indicam a mesma perspectiva neste trabalho.

principalmente as que envolve a construção da identidade e a sexualidade, se apresentam de forma clara no ambiente escolar. A partir desses pontos surge a necessidade de investigar a respeito desta violência e sobre seus mecanismos de coibição por parte da sociedade.

Diante da perspectiva de direitos, especialmente criada a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei. 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente, a Escola assumiu uma importância singular na construção da noção de Direitos e de promoção da igualdade entre os cidadãos, sobretudo quando dialoga e discute a respeito de temáticas importantes para o convívio em sociedade.

A Escola também funciona como local de execução de políticas públicas implementadas pelo Estado, que visam assegurar a integridade física e mental de crianças e adolescentes, consideradas pessoas em desenvolvimento, especialmente as que sejam vítimas de qualquer tipo de violação de seus direitos. Violação, esta, praticada por qualquer pessoa ou instituição.

Este trabalho surgiu a partir da minha participação enquanto integrante do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC) no projeto intitulado “IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: Homofobia no ambiente escolar”, que teve vigência no período de 2017 a 2018, tendo sido renovado para a vigência 2018-2019. O referido projeto teve como objetivo principal identificar a existência da violência de gênero, especialmente a homofobia em três escolas de Ensino Médio do Cariri Paraibano, localizadas no município de Congo, Coxixola e Sumé.

Na verdade, o interesse pela temática surgiu antes mesmo do ingresso no projeto, que foi elaborado pela professora coordenadora do projeto a pedido meu e de um outro aluno do curso de Ciências Sociais, José Aumendes Farias da Silva, ainda no início de realização da graduação. Este interesse surgiu na vivência do Ensino Médio quando observamos o nosso cotidiano escolar e ao ingressarmos na Licenciatura em Ciências Sociais constatamos que este poderia ser um objeto de estudo da Sociologia, que interfere diretamente com a temática do Ensino de Sociologia.

A escolha da Escola, como ponto de análise das políticas sociais voltadas para infância e adolescência no Brasil, justifica-se por ser esta instituição responsável pela socialização das pessoas, especialmente crianças e adolescentes, compreendidos na classificação de em Idade Escolar. Em outras palavras, a Escola é o *locus* de formação do indivíduo, o local em que os sujeitos passam os primeiros 20 anos de sua vida, em média. Atualmente, até tem sido considerada como um agente de socialização primária e não mais secundária, dada a

importância que ocupa na vida cotidiana.

É na Escola que ocorre a participação conjunta do Estado, da família e da sociedade na resolução de problemas que ultrapassam a fronteira do privado-íntimo, interferindo no bem-estar de crianças e adolescentes.

Desde a década de 1990 a orientação sexual é proposta como tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e com isso a Escola passa a possuir amplo respaldo para discutir sobre a questão da sexualidade, tendo em vista que esse assunto se torna muito importante para formação e desenvolvimento dos seres humanos, além de proporem como meta para os alunos que concluem o Ensino Médio que sejam capazes de ter atitudes respeitadas às diferentes expressões sexuais. Assim, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: Como se dá o fenômeno da homofobia no ambiente escolar?

1.1 OBJETIVO GERAL

- Avaliar a existência da Violência de Gênero no ambiente escolar de três municípios do Cariri Paraibano.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Traçar um diagnóstico da situação de violência existente nas Escolas do Cariri Paraibano;
- Verificar a existência de Planos Escolares de combate a Homofobia nas escolas do Cariri Paraibano;
- Apontar se a atuação das Escolas do Cariri Paraibano com relação a Homofobia está de acordo com a legislação vigente no país;
- Identificar os principais problemas enfrentados pela Escola para implementar ações e políticas de combate a Homofobia;

- Identificar as estratégias utilizadas pelas escolas no enfrentamento a esta problemática, juntamente com os agentes sociais que compõem a escola (direção, professores e alunos).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A SEXUALIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE

O termo homossexualidade de acordo com Vidal (1985) foi criado no século XIX, no ano de 1869 pelo médico Húngaro Karl Maria Kertbeny. Inicialmente foi criado como uma forma de definição clínica para descrever pessoas que sentiam atração por indivíduos do mesmo sexo.

Posteriormente o termo sexualidade foi ampliado para fazer referência a outros aspectos da vida animal, especialmente humana. Para Foucault (1988, p. 9) “o termo sexualidade surgiu de forma tardia no século XIX e passou a ser empregado a outras áreas do conhecimento como a biologia e a zoologia”.

Segundo Giddens (1992, p.32) Somente próximo ao final do século a sexualidade veio ser usada amplamente em um sentido mais próximo do significado que tem hoje para nós – como o que a Oxford English Dictionary se refere como “a qualidade de ser sexual ou possuir sexo”.

De maneira histórica, o surgimento da sexualidade se apresenta rodeado de condutas morais variáveis, que reproduzem cultura e os paradigmas sociais vividos.

Para Foucault (1999) a sexualidade contemporânea foi denominada por meio de uma análise científica, através dos processos patológicos e de imediato inicia-se uma intervenção do cristianismo e das ciências médicas da época, na busca pela prevenção, cura e normatização da homossexualidade. Ao longo da história, a homossexualidade ganha várias definições. Em alguns momentos chega a ser atribuídas definições preconceituosas, como perversão sexual, aberração, pecado que leva ao inferno, doença e etc. Pela ótica do cristianismo e das ciências médicas a homossexualidade era considerada como patologia, logo sendo então um desvio de conduta sexual, desse modo os mesmos iniciaram a busca de meios para tentar mudar isso, e adequar essas pessoas ao padrão da heterossexualidade que era considerado como o certo e normal.

Ainda para Foucault (1999, p.26) vê o século XVII como o início de um processo de repressão específica das sociedades burguesas. De acordo com o mesmo, no século XVIII nasce um incentivo político, econômico, técnico, nos discursos sobre sexo. “E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de

classificação e de especificação”. Desse modo, as instituições eram usadas para descobrir sobre a sexualidade das pessoas, assim eram incentivadas a falar cada vez mais sobre a sexualidade.

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOCAULT, 1992, p.22).

Esse discurso estabelece uma relação de poder, na qual, quem participa de certa forma realiza um discurso sobre si, enquanto a pessoa que ouve faz sua interpretação, o condena, o reprime e o domina.

No séculos passados todos aqueles quem não se enquadrava no padrão exigido, e não buscasse ter uma “família monôgamica” visando apenas a reprodução e não o prazer acabava sendo excluídos, como enfatiza Foucault: “[...] se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse status e deverá pagar sanções” (Foucault, 1999, p. 24).

Em pleno século XXI pouca coisa mudou, as pessoas que não pertencem ao padrão heteronormativo ou não constroem a famosa família tradicional são excluídas e julgadas pela sociedade, haja vista a proliferação de discursos violentos e homofóbicos proferidos por autoridades e disseminados amplamente nas redes sociais, a exemplo do próprio Presidente da República, Jair Bolsonaro.

2.2 MUDANÇAS

A Teoria *Queer* possibilitou o conhecimento científico em relação homossexualidade e questões de gênero, possibilitando novas concepções acerca da sexualidade humana, fazendo a desconstrução de paradigmas já estabelecidos que traziam consigo ideias como normalidade e anormalidade/saúde e doença. Graças a esse conhecimento e a atuação dos movimentos sociais, a exemplo do Movimento Feminista, algumas coisas conseguiram ser mudadas, especialmente na busca da igualdade e a promoção dos direitos.

No ano de 1992 a Organização Mundial da Saúde (OMS), lança a 10ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), propondo que a homossexualidade não

fosse mais considerada como doença. Dessa forma, foi retirado da CID-10 e deixou de ser considerada uma patologia. Em 1995 foi lançada uma 4ª edição do Manual de Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais (DSM-4). Que também passa a não incluir mais a homossexualidade como um comportamento patológico.

No Brasil, diante de muita polêmica e retrocesso, o Conselho Federal de Psicologia por meio da resolução 001/1999, “Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual”, o documento reconhece a homossexualidade como algo não patológico e proíbe que os psicólogos a trate como uma doença.

No ano de 2011 Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união civil de pessoas do mesmo sexo, assegurando os mesmos direitos estabelecidos na união de casais heterossexuais. Em 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) por meio da Resolução de nº 175, obriga todos os cartórios do país a oficializar o casamento de duas pessoas do mesmo sexo.

Mas só neste ano de 2019 que o STF enquadrou a homofobia e transfobia como um crime de racismo que é julgado a partir do artigo 20 da Lei 7.716/1989. Ainda não é a caracterização e, conseqüente, real visibilidade do problema, mas já representa um avanço no debate a garantia dos direitos ligados a diversidade humana.

2.3 CONCEITO HOMOFOBIA

Etimologicamente, a palavra homofobia é formada pelo prefixo homo, cujo sentido latino significa “homem”, além do sentido grego, que significa “semelhante” e fobia, em grego *phobos*, que significa “medo” ou “aversão”, logo se entende que homofobia é a aversão ao semelhante ou ao homem. (Ferreira, 2009).

Segundo Borrillo (2015) a palavra homofobia surge nos anos de 1970, nos Estados Unidos, criada pelo psicólogo George Weinberg, tão somente a mesma se evidencia apenas na década de 1990, nos dicionários europeus.

Ainda para Borrillo (2015) a homofobia não pode ser reduzida apenas a rejeição e o ódio contra os homossexuais, já que mesma é uma manifestação arbitrária que consiste em classificar o outro sempre em uma postura inferior, gerando a exclusão daquele que não se encaixa dentro do padrão da heteronormatividade.

A condição de inferioridade que é imposto à gays, lésbicas, bissexuais, torna heterossexualidade um modelo padrão da sociedade que todos deveriam seguir, formando assim uma hierarquização sexual.

Borrillo (2015) descreve a sociedade como androcêntrica, para ele existe toda uma regra do binário, onde a mulher é tida como sexo inferior ao homem, dessa mesma forma o homossexual também será sempre visto como inferior ao heterossexual. O masculino é construído de modo que contrapõe o feminino e repudia o homossexual, ou seja, a homofobia seria de certa forma uma hierarquização da sexualidade.

A homofobia aparece como um elemento típico da identidade masculina. O mesmo relata ainda que a homofobia e o sexismo pertencem ao mesmo fenômeno social: "A homofobia - e, em particular, a masculina - desempenha a função de 'policimento da sexualidade' ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras impermeáveis dos sexos". (BORILLO, 2015, p. 90).

O surgimento da homofobia segundo Scola e Amaral (2007, p.7), está profundamente ligada à necessidade que alguns indivíduos sentem de reafirmar sua condição sexual, usando como justificativa para essa reafirmação argumentos religiosos, políticos, culturais e etc, que estarão sempre ligados ao tradicional. Pessoas que não atendem o padrão da normalidade, ou seja, não se encaixam no sistema binário, acabam sendo tratados de modo pejorativo, pois a todo instante as pessoas homofóbicas impõe sua sexualidade como superior em relação a sexualidade dos demais.

Com relações aos padrões impostos pela sociedade ao indivíduo, Bourdieu (2015), enfatiza essa condição como algo ao mesmo tempo arbitrária e eternizada. Ele afirma que a história pessoal e cultural estão ligadas, e nesse sentido todos os processos de repressão, autoritarismo e vigilância, que são usados em casa e na escola, com o objetivo de educar as crianças dentro de um padrão, faz com que tais indivíduos internalizem as condições que lhes é imposto na infância, para que possam reproduzi-las quando adultos.

Dessa forma, os mesmos acabam seguindo um padrão que a sociedade exige, e começam a enxergar as outras formas de orientação sexual como anormal. Por esses motivos não se pode deixar de mencionar os mecanismos sociais que excluem, hierarquizam e inferiorizam, os indivíduos. Tais mecanismos possuem, sistemas de crenças, de sociedade, e de padronização identitária, que impõem e legitimam o modelo de sexualidade padrão.

Louro (2004) afirma que a homofobia também opera por meio da atribuição de um “gênero defeituoso”, “falho”, às pessoas homossexuais. Dessa maneira, a homofobia “pode se expressar ainda numa espécie de ‘terror em relação à perda do gênero’, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher ‘reais’ ou ‘autênticos/as’” (LOURO, 2004, p. 28-9).

Para Junqueira (2007) a homofobia consiste na aversão, ódio a pessoas que tem uma orientação diferente da que é aceita pelo contexto social.

Nesse sentido a heteronormatividade se apresenta de forma divisora, enquadrando os seres humanos em duas categorias, masculina e feminina. Gerando a normatização dos corpos, usando como justificativa o biológico, a cultura, e religião. Tal normatização, se inicia antes mesmo do nascimento da criança, quando a família começa a selecionar, cores, roupas, brinquedos para meninos e meninas, atendendo padrões que são aprovados pelo Estado, pela religião e em seguida pela escola.

Essas três formas de normatização se apresentam de diferentes formas, o Estado traz essa norma através da emissão da certidão de nascimento que faz com que os pais registrem as crianças de acordo com seu sexo, enquanto a religião a impõe através rituais e doutrinas. Já a escola traz essa normatização por meio da consolidação dos discursos de gênero presentes nos materiais didáticos e nas falas da gestão e dos docentes.

Na perspectiva abordada pelos autores supramencionados, a homofobia apresentasse como uma produção histórica cultural. Sendo assim, ela se reproduz em vários ambientes, principalmente na escola. Parte dessas escolas são consideradas referência, por esse motivo algumas dessas instituições trazem consigo o medo de perder esse título, e acabam incorporando e reproduzindo o padrão social e institucional estabelecidos pelo Estado, consolidando a heteronormatividade e silenciando a homossexualidade e conseqüentemente dando força a homofobia.

2.4 TEORIA DE GÊNERO E HOMOFOBIA

Com o passar do tempo, as teorias de gênero buscaram explicar e explicitar os mecanismos sociopolíticos de dominação que situam os seres humanos em posições de dominação e subordinação de acordo com suas premissas socioculturais e as características

anatômico-fisiológicas que permeiam as relações de sexualidade, consolidando, assim, o gênero como categoria analítica (SCOTT, 1990) e como elemento socialmente construído, não apenas apontando a diferenciação sexual como mecanismo desta dominação.

A construção do gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens. Também às classes sociais se formam na e através das relações sociais. (SAFFIOTI, 1992, p. 211).

Assim, o gênero possui uma dimensão muito maior que o sexo e permite que análises científicas sejam elaboradas partindo da premissa de que para sua construção, o gênero pressupõe uma análise de elementos como a cultura, a política, a economia, a família, entre outros.

Nesta perspectiva, e tendo como ponto de partida as Teorias de Gênero, especialmente, as teorias formuladas pelo Movimento Feminista (TELES, 1999), evidencia-se a importância das pesquisas e estudos realizados nas Universidades brasileiras acerca da temática do gênero. Assim, a partir destes estudos foi possível que os movimentos sociais, no Brasil, rompessem com os modelos políticos tradicionais e com sua forma organizacional, permeada pela assimetria e pelo autoritarismo.

Podemos observar que, durante muito tempo, a história da participação das mulheres nas lutas sociais foi registrada sob o ponto de vista masculino, o que certamente faz se perder alguns pontos de destaque feminino. Os jornais do século XIX e da meio metade do século XX criaram duas imagens femininas: uma mulher submissa, que não sabe como lutar e outra, onde sua figura aparece como uma lutadora que sai as ruas e enfrentam de perto as autoridades públicas e políticas. (TELES, 1999).

Segundo Badinter (1986), todas as sociedades conhecidas têm distribuições, tanto de papéis, como de tarefas entre homens e mulheres. Portanto, todos que ocupam uma função de poder assumem autoridade, porque sua natureza e extensão definem obrigações e limitações inerentes ao papel por ele desempenhado. Não se trata de criar ou recuperar a imagem heroica da mulher silenciada, até então, pelo discurso dominante, mas de apontar que motivos estão por trás da representação social da mulher como “esposa-mãe-dona-de-casa”.

O que se indica é que a resistência feminina assumiu um papel transformador contra um discurso masculino e moralizador de um sistema bem típico da nossa herança cultural, o patriarcalismo, que acaba por instaurar modelos de comportamentos ligados ao gênero e a

imposição destes modelos acontecem, muitas vezes, de forma violenta, como no caso da Homofobia.

Contudo, a articulação dos Movimentos Sociais, especialmente do Movimento Feminista e do Movimento de Gays e Lésbicas, inicialmente, depois o Movimento LGBTQIAP+ tem evidenciado a necessidade de ampliação dos espaços de debates a respeito da temática, especialmente no tocante a questão ao acesso e garantia dos Direitos Civis, as chamadas Liberdades Individuais. Estes debates têm demonstrado as diversas formas de expressão da sexualidade e da construção da identidade de gênero muito mais atrelada às questões socioculturais do que as questões biológicas.

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. (LOURO, 2000, p. 07)

Com a ampliação dos espaços de debates e a constituição de instâncias oficiais de garantia dos Direitos Civis, especialmente dos Direitos ao exercício da livre sexualidade e da não discriminação em decorrência da identidade de gênero foi possível visualizar grupos sociais que viviam “nos bastidores” devido à forte violência e opressão que sofriam por parte de grupos hegemônicos na sociedade. Um exemplo desta opressão e violência foi o fato de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou entre 1948 a 1990 a Homossexualidade como doença, figurando na Classificação Internacional de Doenças. Esta classificação da Homossexualidade enquanto doença só fez aumentar o estigma em torno de quem é homossexual.

Entretanto, a atuação dos Movimentos Sociais, sobretudo do Movimento LGBT fez com que essa classificação fosse abolida, o que permitiu o acesso aos Direitos Humanos de forma irrestrita. Assim:

Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como "política de identidades" (STUART HALL, 1997 *apud* LOURO, 2000, p.7).

Estas novas Políticas de Identidade permitiram que temáticas como Gênero e Sexualidade fossem tratadas em outras esferas da sociedade, não somente as esferas de luta e debates em torno de reivindicações específicas de grupos ligados a questão de Gênero. Desta forma:

(...) a sociedade civil adquire uma conotação axiologicamente positiva e passa a indicar o lugar onde se manifestam todas as instâncias de modificação das relações de dominação, formam-se os grupos que lutam pela emancipação do poder político, adquirem força os assim chamados contra-poderes. (BOBBIO, 1997, p.35).

Uma instância importante para o desenvolvimento destes Contra-Poderes é a Escola, que funciona como elemento de transmissão do conhecimento e de construção do indivíduo. Não podemos esquecer que o conhecimento é o resultado do acúmulo de tudo o que é produzido por uma determinada sociedade e reflete sua maneira de pensar e agir. Assim, a Escola funciona como mecanismo de reprodução das ideias, noções e costumes adotados por uma sociedade enquanto espaço de consolidação de uma nação.

Para Althusser, o sistema escolar encarrega-se em reproduzir relações de exploração, reforçando uma crise sem precedentes, com um discurso oculto, que subjuga seus agentes por tempo significativo e no caso, na escola, obrigatório, inculcando aspectos reprodutores das forças de exploração; com enfoque crítico reprodutivista, o autor determina o papel da educação por ações de base econômica, que estão fora do contexto da própria educação, demonstrando nestas perspectivas a interpelação dos indivíduos. (RIBEIRO, 2012, p. 85).

As relações entre conhecimento teórico e prático é vivenciado na Escola, para além da instrução formal e do currículo obrigatório. O conhecimento apreendido na Escola diz respeito a internalização de normas e leis de conduta do indivíduo, de forma a assegurar a manutenção do *Status Quo*. No entanto, é também na Escola que a possibilidade de reflexão sobre a condição humana é acessada. Espaço em que as várias manifestações do pensamento, do conhecimento e das identidades se misturam numa arena ativa de ideias e ações.

Nesta perspectiva, aparece a questão da Homofobia como elemento de conflitos no ambiente escolar, sobretudo num período de formação das identidades de gênero, bem como das personalidades em geral das crianças e adolescentes em idade escolar.

A sempre presente tematização das questões relativas às homossexualidades tem se feito acompanhar, ultimamente, da discussão acerca da homofobia. Com efeito, a noção de homofobia comparece com frequência nas falas cotidianas e institucionais de atores dos mais diversos setores sociais. Homens e mulheres da mídia, da educação, da cultura, da saúde, da justiça, dos movimentos sociais, entre outras áreas, vêm apontando os dedos para a questão, denunciando ou finalmente admitindo: a homofobia é um grave problema social. (JUNQUEIRA, 2012, p. 1-2).

A Homofobia é uma prática discriminatória e violenta que se expressa das mais variadas formas e nos mais variados lugares, desde a família até o Estado, de forma que envolve todos os aspectos da vida social de quem sofre diretamente com esse tipo de violência ou quem vivencia o mesmo ambiente ou a situação homofóbica.

Com esse sentido, o termo costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja). Assim, seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Essa repulsa, por sua vez, poderia se traduzir em um ódio generalizado (e, de novo, “patológico”) às pessoas homossexuais ou vistas como homossexuais. (JUNQUEIRA, 2012, p. 4).

Mais do que um medo inconsciente de se tornarem homossexuais, a Homofobia reflete a imposição de um modelo heteronormativo da sociedade baseado na fixação de oposições binárias de comportamento sexual e na rigidez da identidade de gênero. Desta forma, qualquer pessoa que fuja ao padrão imposto é classificado como portador de um comportamento desviante e, portanto, ameaçador a ordem social vigente. Enquanto ameaça ao modelo hegemônico vigente, a homofobia representa um elemento de violência e de imposição de uma vontade, de um padrão sobre os demais.

O Machismo é algo que está impregnado em nossa cultura durante séculos o mesmo vem sendo sustentado por padrões, principalmente o religioso, onde o homem é tido como o ser maior, ser de força capaz de resolver qualquer situação, já as mulheres são vistas como seres frágeis, que nasceram com um propósito maternal e devem ser sempre submissa ao seu esposo, formando assim a famosa família tradicional, considerada pelos conservadores a

família “normal” e ideal. Não deixando espaço para existência de uma família que não corresponda ao padrão regido pelo sistema binário.

O Sistema binário é um elemento que busca normatizar e limitar as identidades de forma que fique mais fácil de explicar o padrão imposto. Em nossa sociedade a resposta concreta das coisas é obtida através do binário e tudo que não se encaixa ou se explica por ele foge a regra. Mas isso não é uma explicação plausível já que sexualidade e questões de gênero, não se limitam apenas a essa ideia de explicação dual, as mesmas trazem consigo uma imensidão de configuração que transitam entre o desejo humano e a identidade de gênero, questões consideradas complexas e não encontradas dentro dessa binaridade.

2.5 HOMOFOBIA NA ESCOLA

De acordo com Chauí (1997), o preconceito constitui obstáculo ao conhecimento e a transformação, pois é fundado na ignorância e tem como principal traço o conservadorismo, sendo que em alguns casos o mesmo aparece de forma contraditória

[...] ama o velho, mas deseja o novo; confia nas aparências, mas teme que tudo o que reluz não seja ouro; elogia a honestidade, a mas inveja a riqueza; teme a sexualidade, mas ama a pornografia; afirma a igualdade entre os homens, mas é racista e sexista; desconfia da política, mas não cessa de repeti-la. (CHAUÍ, 1997, p. 118).

É fácil observar que a homofobia pode se apresentar de diversas formas, vezes mais explícita outras mais disfarçadas. Podemos ter como exemplo que na escola a homofobia se faz fortemente presente em “brincadeiras” de mal gosto que faz com que os LGBTQIAP+ tenham a sensação de inferioridade, de desprezo diante da situação.

Culturalmente somos educados a partir de padrões, que ditam nosso comportamento, nosso modo de vestir, andar e até se relacionar em sociedade. Como já sabemos a escola reproduz normas e padrões culturais, um exemplo disso são os papéis culturais, sociais e religiosos transmitidos através dessa instituição.

A escola é uma instituição que participa de forma direta na vida dos indivíduos, a mesma ajuda na construção de papéis sociais, culturais, religiosos e em questões ligadas a sexualidade dos sujeitos.

De acordo com educação a Declaração Universal dos Direitos Humano (1948) a educação é tida como um direito fundamental para todos os seres humanos “Todo ser humano tem direito a instrução, orientada no sentido de pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais”.

Para Ribeiro (2006), ao anunciar sua homossexualidade, mais de 50% dos adolescentes receberam uma reação negativa da família. Destes, 66% afirmaram sofrer violência verbal e até física. Mais de 50% dos adolescentes gays afirmaram abusar de substâncias nocivas (cigarros, álcool e drogas) para amenizar esse tipo de mal-estar. Em conclusão a esse a esse assunto, o que se pode perceber, é que: em todo o mundo as vítimas da homofobia, têm um ponto em comum: são em sua maioria do sexo masculino, numa proporção que chega a 6 pra 1. Pesquisa feita pela UNESCO sobre homofobia nas escolas parece apontar para uma explicação: meninos tem muito mais preconceito contra a homossexualidade de outros meninos do que as meninas – e também são muito mais propensos a agredirem seus colegas homossexuais, até mesmo como demonstração de masculinidade, num rito de passagem machista e sexista, que valoriza a discriminação. Para Aquino (2007), os fatores sociais são em geral visos como os que criam os ambientes psicológicos e biológicos. Os fatores sociais são em geral vistos como os que criam os ambientes nos quais os fatores psicológicos predisõem a pessoa ao suicídio. (TERAPEUTA FELIPE, <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3152810>).

De acordo com a Declaração dos direitos humanos a escola deveria respeitar a diversidade nela existente ao invés de oprimi-la e excluí-la. Se isso fosse realmente feito na prática, a educação seria um ponto fundamental para promoção de igualdade. A partir dos dados coletados observa-se que as escolas são reprodutoras de desigualdades e não estão abertas para diversidade. Este é um elemento de atraso cultural, que em pleno Século XXI já poderia ter sido superado.

Por este motivo que estudar a violência de gênero no ambiente escolar é tão fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais cotidianos e que, atualmente, no Brasil tem tomado uma proporção problematizadora que se imaginava superada, devido aos avanços nas últimas década com relação à observância dos direitos humanos e o respeito a diversidade humana, seja ela sexual, social ou política.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa e utilização de técnicas de questionário, entrevista e Grupo Focal para coleta de dados. Além de se acostar na Teoria das Representações Sociais para realizar a análise dos dados.

Para o desenvolvimento do trabalho foi escolhido como suporte metodológico qualitativo, configurando a pesquisa como do tipo exploratória, com utilização de técnica de questionários situacionais da estrutura física e, também, por meio de entrevistas semi-estruturadas para identificação dos problemas enfrentados nas Escolas com relação a Homofobia.

A pesquisa se caracteriza por ser do tipo exploratória, que segundo Silva e Menezes (2001), “visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Também, aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas.

Na coleta e tratamento dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os agentes da escola (direção, professores e alunos) foi utilizada a técnica de Entrevista Temática proposta por Alberti (1990).

Como já mencionado, na análise dos dados esta pesquisa utilizou o suporte da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2013). Assim, partindo da ideia de que as representações sociais são construídas dentro de um processo coletivo de difusão de informação. As representações sociais estão ligadas a sistemas de pensamento mais largos, ideológicos ou culturais, e a um estado de conhecimento científico. As instâncias institucionais, os meios de comunicação mediáticos ou informais intervêm na sua elaboração, por meio de processos de influência social.

Jodelet (2001) refere ainda que as representações sociais formam sistemas e dão origem a ‘teorias espontâneas’, como versões da realidade que incarnam em imagens cheias de significação.

Assim, usamos a Teoria das Representações Sociais para indicar a ideia, a concepção que os agentes integradores da escola têm a respeito da violência de gênero e, especialmente da ocorrência desta violência no ambiente escolar.

3.2 LOCAL DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada no período compreendido entre os anos de 2017 a 2019, inserida no Projeto de Pesquisa “IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: Homofobia no ambiente escolar”, como já foi mencionado na introdução deste trabalho. Contudo, houve necessidade de ampliar alguns elementos para além do projeto, de acordo com as necessidades de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Os dados foram coletados nos municípios do Congo, Coxixola e Sumé, em três escolas de Ensino Médio. Detalhadamente as escolas são Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio Manoel Alves Campos, Escola Estadual de Educação Infantil Ensino Médio Manoel Manoel Honorato Sobrinho, Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino. Fundamental e Médio Professor. José Gonçalves de Queiroz, respectivamente.

Foram aplicados sessenta e oito (68) questionários com alunos das três séries do Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano) das três escolas pesquisadas.

Com relação aos municípios pesquisados, os mesmos se caracterizam segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na realização do último censo (2010) da seguinte maneira. O município do Congo possui área territorial de 333,471km², com uma população estimada em 4.785 habitantes no ano de 2018. O Índice de Desenvolvimento Humano segundo o censo (2010) é 0,581

O município de Coxixola, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na realização do último censo (2010) possui área territorial de 169,878 km², com uma população estimada em 1.907 habitantes no ano 2018. O Índice de Desenvolvimento Humano segundo o censo (2010) é 0,641.

Já o município de Sumé possui área territorial de 838,070 km², com uma população estimada em 16.864 habitantes no ano de 2018. O Índice de Desenvolvimento Humano segundo o censo (2010) é 0,627.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Para escolha da amostra foi considerado o critério de amostra não probabilística amparada pelo critério de acessibilidade. Desta forma, a amostra foi formada por sessenta e

oito (68) alunos, quinze (15) professores e três (03) gestores. Esse número foi definido como suficiente para a análise seguindo critérios não probabilísticos.

Detalhadamente, a amostra por escola, na categoria alunos foi a seguinte: Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio Manoel Alves Campos tivemos uma amostra de 18 alunos.

Já na Escola Estadual de Educação Infantil Ensino Médio Manoel Honorato Sobrinho, tivemos uma amostra de 15 alunos

Enquanto na Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino. Fundamental e. Médio Professor. José Gonçalves de Queiroz, foi possível ter uma amostra de 35 alunos, já que a instituição possui um número bem maior que as outras.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

A coleta de dados aconteceu em dois momentos e utilizando-se suporte metodológico pertinente a cada fase. Assim, a primeira fase de coleta foi realizada com os alunos, para a qual foram utilizadas as técnicas de questionário e Grupo Focal. A segunda fase foi desenvolvida com os professores e a terceira com os gestores das três escolas pesquisadas. Assim, abarcando três agentes escolares (Direção, Professores e Alunos).

3.5 TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS

Durante a análise dos dados coletados, na primeira fase foi possível a elaboração de nove categorias analíticas que servem para a estruturação dos dados e para a compreensão do fenômeno estudado, são elas:

1. Formação de categorias identitária para cada grupo;
2. Protagonismo da Escola;
3. A não formação ou o despreparo dos profissionais de educação e da gestão;
4. A não geração de uma demanda visível, oficial, pois de antemão os alunos já sabem que a gestão não vai contemplá-los;

5. Relação direta do profissional com o tema que ele trabalha em sala de aula;
6. Mulheres aceitam mais a homossexualidade do que homens;
7. A Escola não trata de Gênero;
- 8 – O preconceito está presente na vida de todos de forma direta ou indireta;
- 9 – A realidade é diferente do discurso.

A partir da elaboração das categorias analíticas, os dados puderam ser melhor destrinchados e agrupados de forma a executar a ancoragem dos mesmos com o fenômeno estudado e a literatura sobre o tema, assim como proposto pela Teoria das Representações Sociais.

3.6 POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA

Esta pesquisa seguiu o que preconiza a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece regras para a execução de pesquisas envolvendo seres humanos na área das Ciências Humanas. A utilização desta Resolução como marco regulatório da ética em pesquisa ocorre devido ao fato de que as Ciências Sociais, especificamente, não têm nenhum meio oficial de regulação quanto a esta temática.

Sendo assim, esta pesquisa se utilizou de dois expedientes fundamentais para manter padrões éticos e, desta forma, garantir o anonimato dos participantes. São eles a Solicitação de Pesquisa, destinada à autorização para realização da pesquisa sob anuência da direção e o Termo de Anuência Institucional, conforme Apêndice A e B.

Seguindo os padrões éticos e assegurar o anonimato dos participantes resolvemos não identificar os participantes da pesquisa, especialmente por escolas. Assim, utilizamos apenas as categorias, Aluno, Direção e Professores para diferenciá-los.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão expostos os dados coletados. Para tal utilizamos alguns recursos que melhor ilustrem o teor das informações obtidas. Assim, utilizaremos gráficos e quadros. Contudo, ressaltamos que esta pesquisa não é de caráter quantitativo, já que a mesma não se utiliza de nenhum método estatístico mais avançado e específico, restringindo-se a usar apenas estatística descritiva básica.

Também utilizamos o recurso da Observação Participante enquanto observadora de algumas disciplinas eletivas relacionadas ao gênero, diversidade e Direitos humanos, ofertadas pela escola.

Com relação ao campo em geral, as visitas resultaram em **Relatos de ida ao Campo**, descritos a seguir:

Realizar uma pesquisa em escolas é um grande desafio, principalmente quando se aborda temas polêmicos, como é o caso da homofobia no ambiente escolar. Infelizmente em pleno século XXI algumas escolas ainda não são totalmente abertas para esse debate, e trazem consigo uma resistência, que se faz fortemente presente nas falas dos funcionários, alguns preferem nem falar sobre a temática, outros trazem juízo de valor e se posicionam de forma contrária ao debate.

Essa pesquisa teve duração de dois anos, como já foi mencionada, em que fui voluntária. Inicialmente, realizamos estudos teóricos sobre a temática para assim iniciar nossas visitas as três escolas que ficam localizadas no Cariri Paraibano.

Em um primeiro momento entramos em contato com as equipes gestoras, apresentamos nossa pesquisa, e solicitamos a colaboração dessas instituições para poder realizar aplicação de questionários, que se deu em duas etapas, a primeira com os alunos de Ensino Médio e a segunda com professores e gestores dessas instituições.

Na primeira aplicação, para cada uma das turmas das três escolas foi disponibilizada seis cópias de um questionário, para serem respondidos por alunos do Ensino Médio. Alguns alunos que responderam ficaram interessados pela temática e me propuseram um encontro fora da escola, que foi prontamente aceito. Assim, foram realizados seis encontros, fora do ambiente escolar. Durante esses encontros tive acesso a outras informações, a partir dos relatos dos alunos, sobre acontecimentos na escola que não chegaram a ser mencionados nos questionários.

Dessa maneira tive a oportunidade de me reunir com pessoas LGBTQIAP+ e ouvir o quanto são oprimidos no ambiente escolar, e até em casa, por não pertencerem ao padrão heteronormativo.

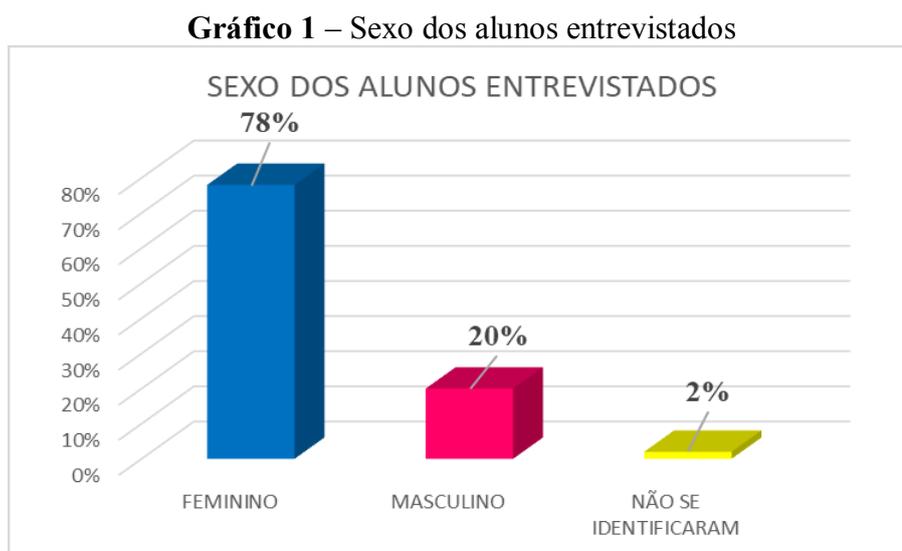
E no final esse grupo que antes foi criado apenas no intuito de tirar dúvidas e ouvir relatos para pesquisa se tornou uma espécie de grupo de auto ajuda, para tentar enfrentar as barreiras encontradas todos os dias em casa, na escola e também na rua, já que ser LGBTQIAP+ nos dias atuais é um grande desafio, devido aos índices de mortes de Gays, lésbicas, trans e travestis só aumentarem, como vimos nos dados do GGB. Este grupo está ativo até o presente momento.

De forma didática esta seção está disposta entre os dados que caracterizam a amostra e os dados que dizem respeito ao objeto pesquisado.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

4.1.1 Alunos

Não houve escolha prévia de sexos para participar da pesquisa. No entanto, observa-se no Gráfico 1 que a participação feminina nas entrevistas foi bem maior que a masculina.

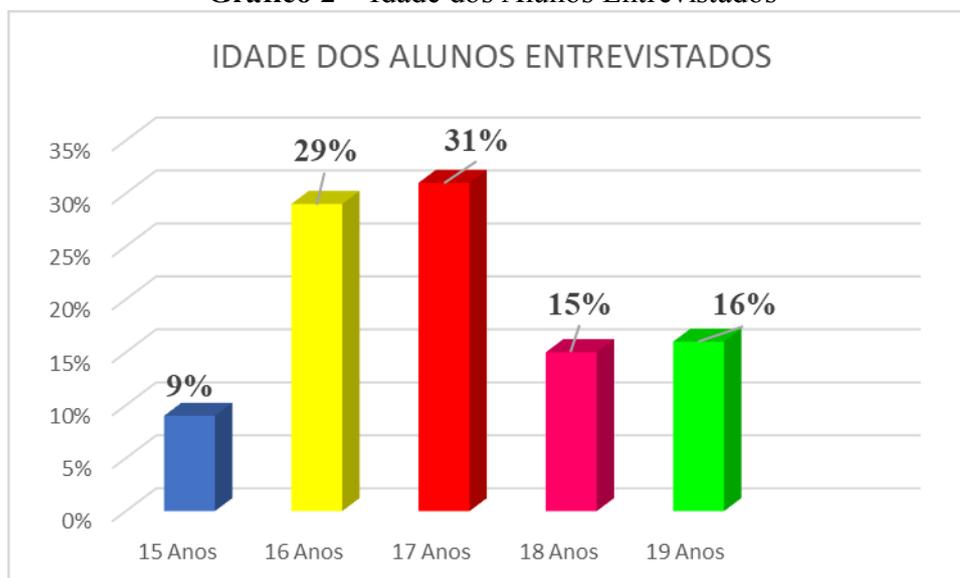


Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019.

Cabe salientar que a participação na pesquisa ocorreu de forma voluntária. No entanto, diante deste dado especificamente, podemos inferir que ou as mulheres se interessam mais por assuntos relacionados a sexualidade ou são mais colaborativas que os homens.

Quanto a questão da Idade dos alunos entrevistados podemos observar que a maioria se encontra na faixa etária dos 16 e 17 anos, totalizando 50% dos entrevistados. Fato totalmente coerente com o objetivo da pesquisa, que é trabalhar com adolescentes, já que, conforme o Relatório sobre a Homofobia, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 16 % dos casos de homofobia atingem diretamente jovens em uma faixa etária de 15 a 19 anos.

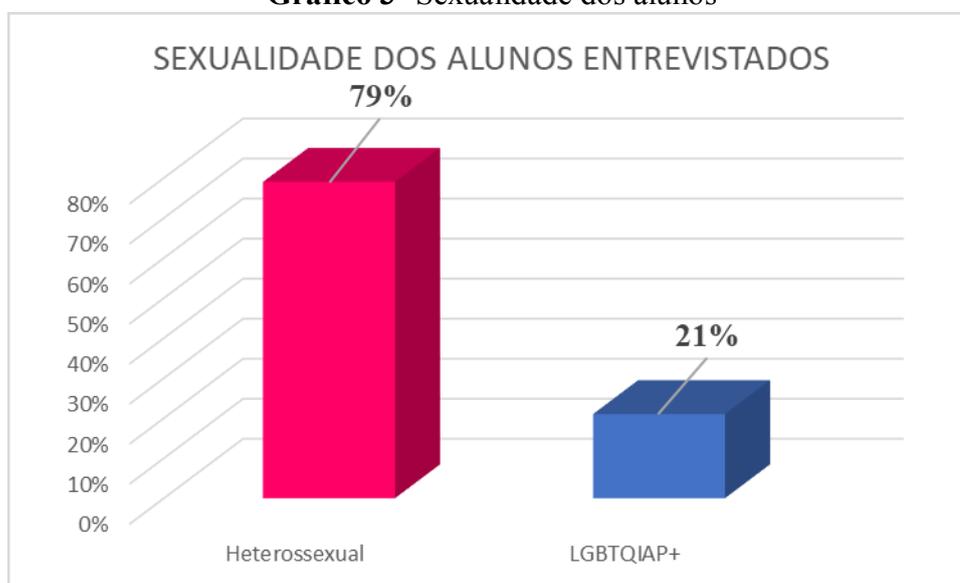
Gráfico 2 – Idade dos Alunos Entrevistados



Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019.

Cabe salientar, também, que a faixa etária dos entrevistados, de uma forma geral, condiz com a faixa etária em que esses jovens se encontram no Ensino Médio.

Essa faixa etária é interessante porque a adolescência é também uma fase de descobertas e afirmação da personalidade, da identidade e da sexualidade. Portanto, a escolha deste público-alvo coaduna-se com os objetivos da pesquisa.

Gráfico 3- Sexualidade dos alunos

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

Como visto no **Gráfico 3** as escolas possuem um número significativo de alunos que se reconhecem como LGBTQIAP+. Com o passar dos anos, a visualização de que o número de pessoas homossexuais no ambiente escolar tem aumentado, já que as descobertas realizadas na adolescência, coincide com época em que esses jovens estão no Ensino Médio.

Para Castells (1999), o aumento da visualização de pessoas homossexuais ocorre pela mobilização em torno da organização de movimentos que lutam pelo reconhecimento de direitos civis de pessoas LGBTQIAP+ no mundo inteiro, nas últimas décadas.

Esse aumento pela busca do reconhecimento de direitos não diz respeito, apenas, a população LGBTQIAP+. Mas a todas as minorias no mundo inteiro, que experimentaram, sobretudo depois dos anos 2000, a articulação de um movimento mundial e a adoção de padrões de desenvolvimento que atribuem uma importância *sine qua non* a pauta da igualdade, seja de gênero, ou de cor ou de classe. Desta forma, desenvolvimento atrela-se a ideia de igualdade. Assim, a concepção de que uma nação só pode ser grande se for justa e igualitária em condições materiais e direitos entre seus integrantes.

4.1.2 Professores

Neste item, iremos tratar da caracterização da amostra dos professores, para tal usaremos o recurso do Quadro 1, que traz algumas informações básicas sobre os mesmos.

Quadro 1 - Caracterização dos Professores

Categoria	Sexo	Idade	Formação	Atuação
Profissionais da Educação (Professores)				
Professora 1	Fem	55	Português	Português
Professora 2	Fem	46	Biologia	Biologia
Professora 3	Fem	20	Matemática	Matemática
Professor 4	Masc	24	História	História
Professora 5	Fem	32	C. Sociais	Sociologia
Professor 6	Masc	45	Filosofia	Filosofia
Professor 7	Masc	47	Física	Física
Professora 8	Fem	48	História	História
Professora 9	Fem	51	-	Artes
Professora 10	Fem	36	C. Sociais	Filosofia
Professora 11	Fem	37	Direito	História
Professor 12	Masc	57	Ed. Física	Geografia
Professora 13	Fem	40	Pedagogia	Português
Professor 14	Masc	20	Matemática	Matemática
Professora 15	Fem	23	Química	Química

Fonte: MACEDO, 2019.

Com relação aos professores, podemos observar que três dos professores pesquisados atuam em áreas diferentes daquela área de sua formação acadêmica. No entanto, não podemos, nesta pesquisa, apontar se este fato traz prejuízo para o entendimento

da questão de gênero a ser abordada em sala de aula, como preconizado pelos marcos regulatórios da Educação Básica como a LDB, PCNs, OCNs e BNCC.

4.1.3 Direção

Da mesma forma que o realizado anteriormente, caracterizamos a Direção das escolas pesquisadas. Apesar de ser uma pequena amostra, o que se denomina N pequeno, cabe caracterizá-la para facilitar o entendimento sobre o fenômeno estudado.

Quadro 2 - Caracterização da direção

Categoria	Sexo	Idade	Formação
Profissionais da Educação (Direção)			
Diretora 1	Fem	42	Matemática
Diretora 2	Fem	35	Ciências Sociais
Vice Diretora	Fem	40	Português

Fonte: MACEDO, 2019.

4.2 CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

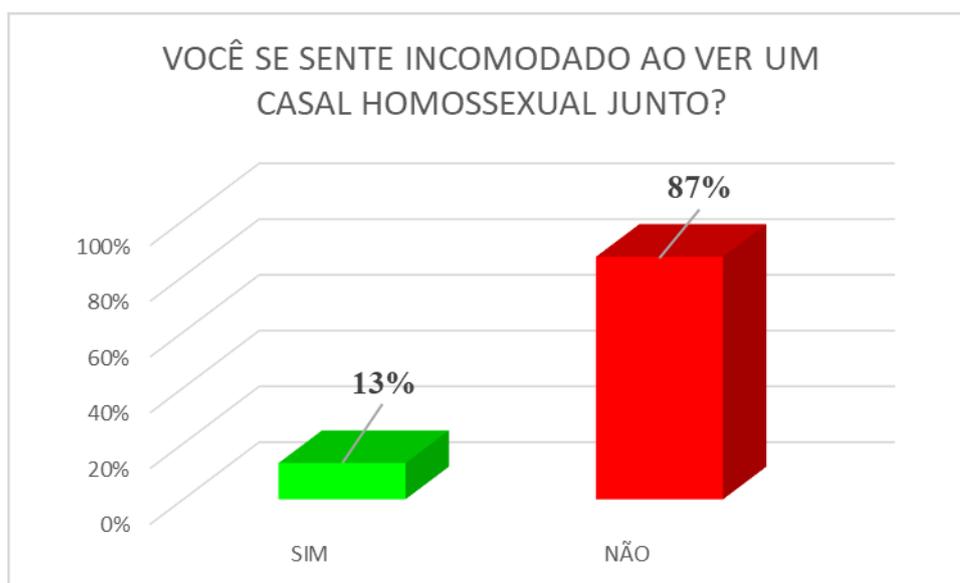
Após categorizarmos a amostra, ou seja, os alunos, professores e a direção envolvidos nesta pesquisa, agora passamos a apresentação dos dados da pesquisa propriamente dita.

Neste item também dividimos a apresentação dos dados segundo as categorias utilizadas para a apresentação da amostra. Assim, passamos inicialmente aos dados dos

alunos, os quais foi possível construir nove (09) categorias analíticas. Além de alguns gráficos, os quais serão ilustrados a seguir.

4.2.1 Alunos

Gráfico 4- Você se sente incomodado ao ver um casal de homossexual junto?



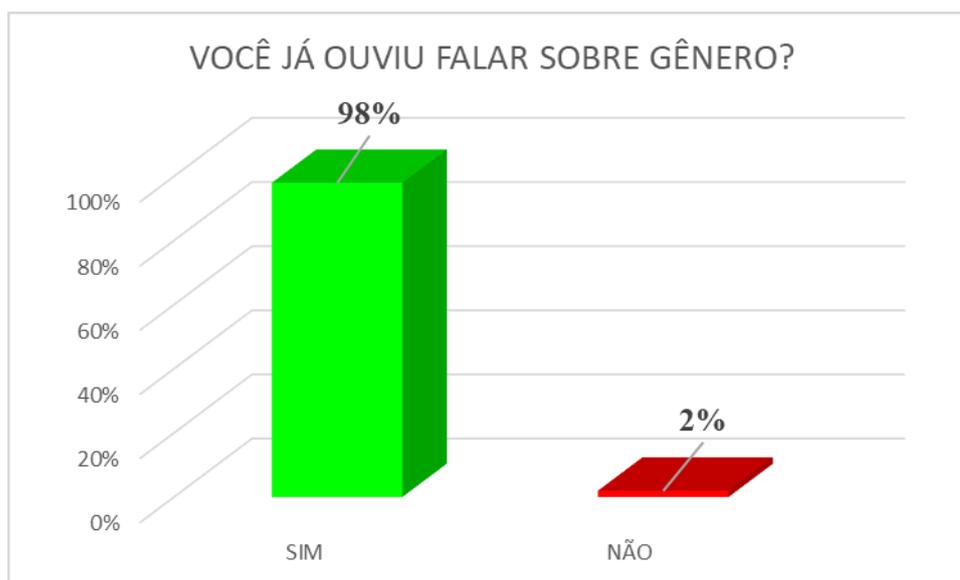
Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

A realidade brasileira se mostra bem diferente do discurso dos entrevistados. Embora 87% dos entrevistados tenham respondido que ao ver um casal homossexual não se sentem incomodados, as atitudes realizadas na presença de homossexuais são totalmente diferentes. Há casos de homofobia, no Brasil, em que as vítimas não fizeram absolutamente nada para desrespeitar ou desmerecer os agressores, ou melhor, não provocaram a ira dos agressores e, mesmo assim, simplesmente essas pessoas acabam se incomodando com a presença de homossexuais, e se acham no direito de realizar agressões físicas e verbais, e em alguns casos chegam a assassiná-los sem nenhuma explicação plausível, apenas por se sentirem incomodados, realizam violências.

No ambiente escolar isso não é muito diferente, alguns garotos deixam de fazer amizades com pessoas LGBTQIAP+ por terem que compartilhar o mesmo espaço com essas pessoas. Os meninos preferem não se “enturmar” com pessoas homossexuais. Em alguns casos eles afirmaram ter medo de serem taxados como gay, e sentem a necessidade de estarem

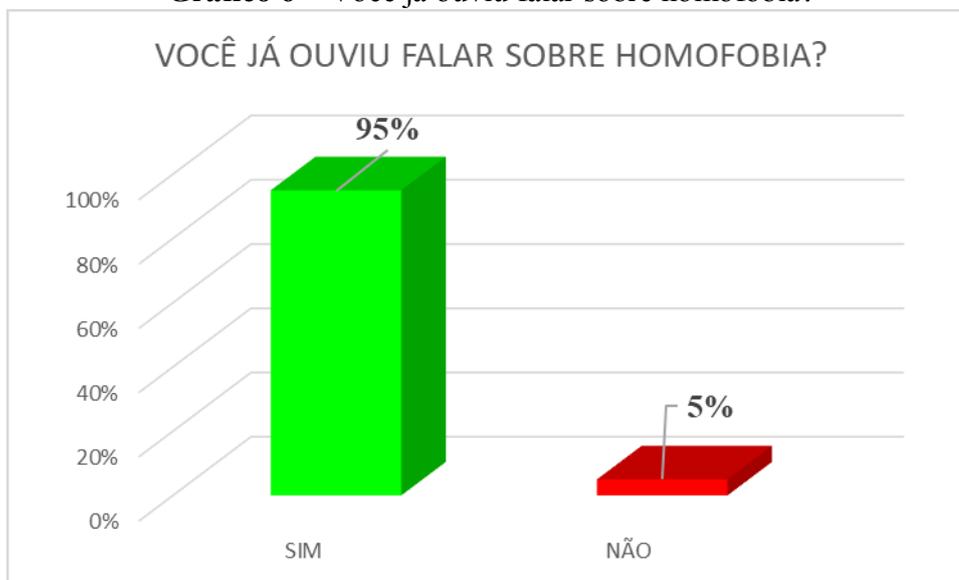
constantemente reafirmando sua masculinidade, e para que isso aconteça muitos passam a realizar a homofobia no ambiente escolar.

Gráfico 5 – Você já ouviu falar sobre gênero?



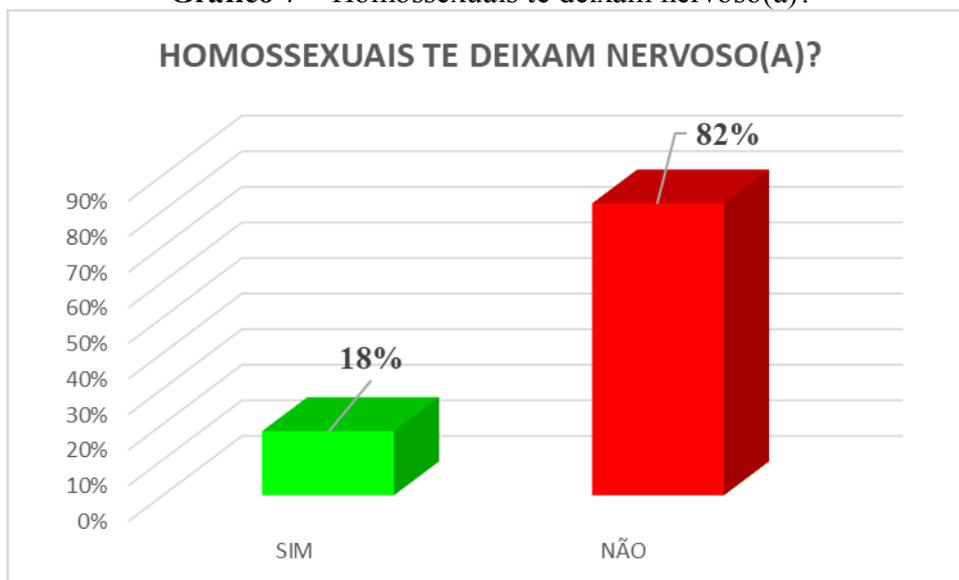
Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

Complementando esta resposta, os entrevistados que já ouviram falar sobre gênero afirmam que não tiveram o primeiro contato com essa temática na escola, e sim, por meio de outros canais como redes sociais, televisão, e conversas aleatórias com amigos

Gráfico 6 – Você já ouviu falar sobre homofobia?

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

A mesma coisa acontece com a homofobia, os entrevistados afirmaram ter ouvido falar sobre essa temática fora do ambiente escolar. Já que as escolas não promovem o debate de gênero de forma direta e quando promovido o debate é realizado de forma indireta e não abordam questões específicas do público LGBTQIAP+. Isso indica a falta de interesse, o despreparo das escolas, ou ambos, para tratar da diversidade que nelas existe

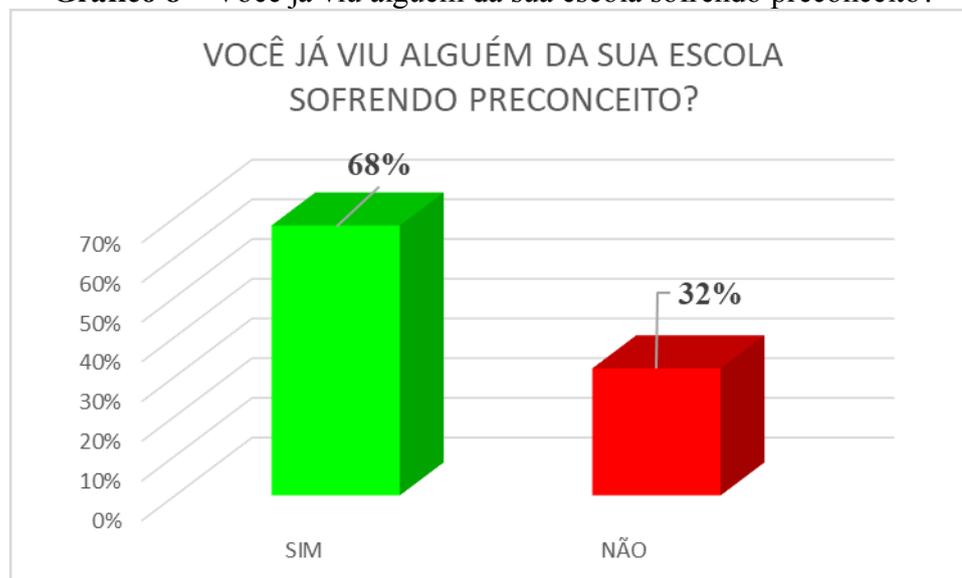
Gráfico 7 – Homossexuais te deixam nervoso(a)?

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

Embora apenas 18% dos entrevistados afirmaram que pessoas homossexuais as deixam nervosas, ao serem questionadas do porquê deste nervosismo uma parte se justifica por meio da religião, e outros por meio do que a sociedade vai pensar ao ver ele próximo a pessoas homossexuais.

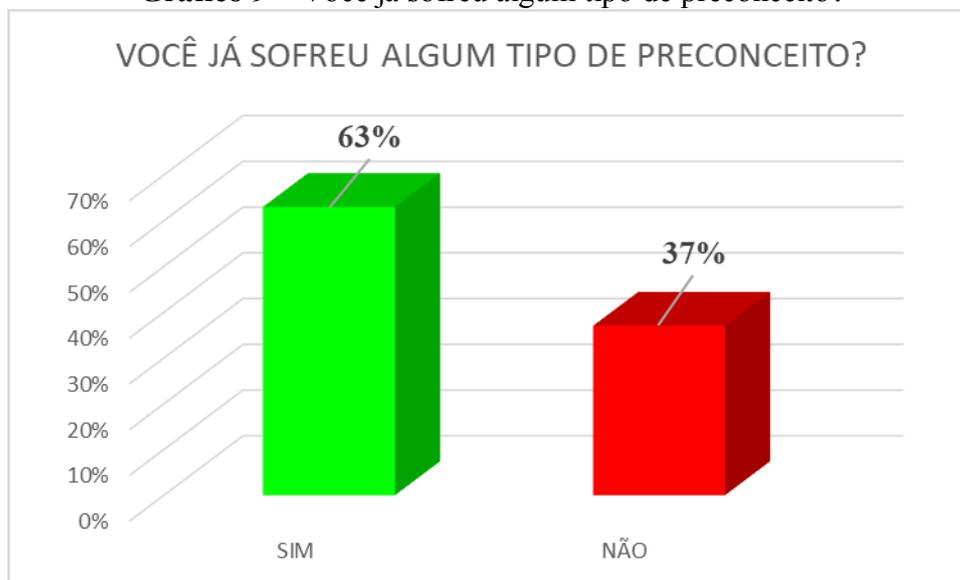
Mais uma vez aparece o preconceito e a força das representações sociais modelando o comportando e até a identidade dos sujeitos. Assim, religião, Estado e sociedade se juntam para formar um modelo comportamental, um padrão, especificamente baseado na heteronormatividade.

Gráfico 8 – Você já viu alguém da sua escola sofrendo preconceito?



Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

O número de vítimas de preconceito na escola chega a ser alarmante. Como visto no Gráfico 8, 68% dos entrevistados afirmam já terem presenciado algum tipo de preconceito realizado no ambiente escolar, essa questão contradiz o discurso das escolas, que atestam trabalhar com as diversidades. E alertam para os perigos existentes no ambiente escolar, considerado um local seguro e que promove a convivência harmoniosa entre seus membros.

Gráfico 9 – Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

O número de vítimas de preconceito no ambiente escolar só aumenta, basta uma pesquisa rápida nos jornais e noticiários brasileiros para constatar o aumento da violência e da gravidade dos atos violentos praticados dentro do ambiente escolar. A escola é possível indicar que a escola também é reprodutora de preconceitos, e por mais que ela diga que acolhe a todos e está aberta pra diversidade, suas ações indicam algo totalmente contrário.

Como foi utilizado várias técnicas de coleta de dados, já mencionadas, como Questionário, Entrevista e Grupo Focal, apresentamos agora os dados resultantes da realização do Grupo Focal e das entrevistas individuais com os alunos.

4.2.1.1 Categorias das falas dos alunos

Neste item a fala de alguns alunos será destacada para ilustrar a construção das categorias analíticas utilizadas para a compreensão do objeto estudado nesta pesquisa.

- **1 Formação de categorias identitária para cada grupo**

“Os Homossexuais olham pra quem é bi, trans, ou lésbica de uma forma diferente, até porque cada um é pertencente a um grupo diferente. São existentes os grupinhos, não dizendo que dentro desses grupos não podem existir amizades entre pessoas pertencentes a esses outros grupos.” (Aluna 1, 17 Anos)

“Nem todo mundo que é gay se junta aos outros que também são, são existentes grupos, como por exemplo as travestis que não se juntam aos gays vivem em mundo meio que deles”. (Aluno 2, 17 Anos)

“Na escola é do mesmo jeito nem todo gay se junta com toda lésbica ou vice e versa, até porque é existente uma tal de uma inveja ou até mesmo não se batem” (Aluna 1, 17 Anos)

Segundo Feitosa (2014), os grupos de travestis pesquisados utilizavam a estratégia se sempre andar em grupo, nunca sozinho na escola, como um mecanismo de proteção contra a violência.

A formação de grupos por parte dos homossexuais na escola constitui um fato comum aos demais. Tanto hetero como homossexuais formam grupos. Este comportamento está muito mais vinculado a um padrão de socialização comum aos adolescentes e ao ambiente escolar, do que uma característica do comportamento dos homossexuais na escola.

No entanto, cabe ressaltar que a formação de grupos tem um duplo papel na socialização, ao passo que possibilita ao sujeito uma proteção contra as violências sofridas, pois este já não está só, ao mesmo tempo que contribui para a consolidação da identidade individual do sujeito no grupo a que pertence e coletiva do grupo dentro da escola. Assim o grupo cria uma identificação própria, distinguindo-se dos demais.

- **2 Protagonismo da Escola**

“A escola ainda é bem fechada para o debate de gênero, a única coisa que se têm lá criada recentemente é uma eletiva que aborda a temática gênero no geral, mais essa eletiva é restrita apenas para 30 pessoas” (Aluno 2, 17 Anos)

“E nós não participamos dessa eletiva porque participamos de uma que serve para o ENEM, até porque estamos com foco de entrar na universidade e há toda uma cobrança da família para isso” (Aluno 1, 17 Anos).

“Mais uma iniciativa partindo de dentro da gestão da escola, dizendo hoje vamos dar uma palestra sobre gênero, sobre homofobia não têm, partindo de dentro da direção não têm, as informações que temos na escola sobre gênero são apenas conversas aleatórias e superficiais com professores, entendeu!? em sala de aula” (Aluna 3, 17 Anos).

“Já usei as redes sociais para falar sobre o assunto e chamar a atenção da direção da escola. Uma vez marquei a diretora no face em uma postagem que falava sobre a homofobia, mas ela apenas disse que ela legal na postagem” (Aluna 4, 17).

Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecerem o debate sobre gênero, esta não é uma iniciativa oficializada nas escolas seja porque a escola não dispõe de professores especializados para trabalhar esta temática seja porque a escola também é um ambiente de conflito e poder em que as ideologias dos sujeitos são expressas por meio do consentimento ou da refutação de certos comportamentos, bem como a adoção ou não de práticas pedagógicas emancipatórias ou reacionárias.

O posicionamento político e partidário da direção da escola orienta as ações pedagógicas implementadas na escola, assim como a orientação religiosa que a direção e os professores seguem também determina se a temática de gênero será abordada ou não.

Com relação a abordar a temática, a análise dos dados preliminares demonstrou que além de não se sentirem preparados para trabalhar a temática, direção e professores associam o gênero com a homossexualidade. Então, falar de gênero na escola, num período de formação das identidades e da personalidade dos sujeitos como no caso da adolescência, é incentivar ou despertar a adoção do comportamento homossexual.

Esta compreensão a respeito do que o gênero representa para diretores e professores das escolas indica uma modificação na compreensão sobre a questão de gênero. Inicialmente, a Teoria de Gênero detinha-se sobre a questão do patriarcalismo, da visualização da diferença entre homens e mulheres e, do exercício do poder e da opressão do homem para com a mulher, especialmente por meio do uso da violência física e da exclusão social, política e institucional. Portanto, falar de gênero era falar de mulheres, da questão da opressão das mulheres na sociedade (SCOTT, 1990).

A ampliação da Teoria de Gênero permitiu o reconhecimento de outras problemáticas ligadas a formação da identidade de gênero e do exercício da sexualidade como elementos

políticos de inserção dos sujeitos na sociedade, especialmente pela visualização de outros gêneros e mesmo dos transgêneros, numa perspectiva diferente da visualização dos transexuais.

Esta característica de associar gênero a homossexualidade está estritamente associada a padrões religiosos adotados pelos profissionais da educação envolvidos no ambiente escolar, sobretudo aqueles profissionais ligados as religiões evangélicas. Também reflete o preconceito ainda arraigado na cultura local que considera a homossexualidade como um desvio de comportamento.

Nesta perspectiva o desvio aparece como algo ameaçador a harmonia da dinâmica e da estrutura daquela sociedade ou grupo (BECKER, 2008). Neste caso, a escola prescinde de uma regularidade e da adoção de um padrão de comportamento a ser adotado e oficializado por parte da direção da escola e que, ao longo do tempo, vai sendo introjetado pelos alunos e reconhecido como o padrão comportamental correto ou permitido.

Também Durkheim (1999) reconhece a adoção de um comportamento único na chamada Sociedade Primitiva como indispensável para a manutenção da estrutura social vigente. Assim, materializa-se a Solidariedade Mecânica, em que a consciência individual se aproxima ou se igual à consciência coletiva. Sendo assim, qualquer comportamento considerado desviante deve ser aplicado o Direito Retritivo, ou melhor, são aplicadas uma séria de sanções que visam reconduzir o indivíduo a pensar e agir como os demais. Esta interpretação de Durkheim pode ser aplicada a grupos homogêneos, ou a tentativa de configuração da escola enquanto grupo homogêneo.

- **3 A não formação ou o despreparo dos profissionais de educação e da gestão**

“Eu acho que, eu vou ser bem sincera, eu acho que o preparo dos professores pra agir numa situação assim (de preconceito ou discriminação), é zero, zero. Na minha escola, pelo menos, assim, não que eu, quando se trata de passar o conteúdo eu não reclamo de nenhum professor, mas se for pra agir numa situação dessas eles não vão ter preparo, eles não tem e nem vão agir, o máximo que eles podem fazer, é tipo, se tá acontecendo uma coisa dessa na sala, eles vão dá um carão, geralmente acontece mais com os meninos, mas, por exemplo, vão dá um carão na pessoa que ta fazendo aquilo e depois que o professor sair da sala ou até mesmo quando ele tiver na sala ainda eles vão fazer de novo, e de

novo, e de novo, porque ninguém vai parar, se tá acontecendo uma coisa dessa nenhum professor vai parar a aula, por exemplo, e vai explicar que aquilo não deve ser feito e tal coisa, eles vão só dá um cartão mesmo e pronto, no menino, e pronto”. (Aluna 13,16 Anos. Aluna 15, 15 Anos).

“Eu considero a escola em geral no Brasil, pelo menos públicas, que tem um método de ensino meio falho, meio não, muito falho, porque eu acredito que a escola deveria preparar a pessoa tanto, tipo ensinar história, as disciplinas que já tem, mas também eu acho que deveria mudar um pouco pra falar a verdade, mas eles deveriam preparar os alunos pra vida, então isso inclui, é ensinar sobre preconceito, ensinar sobre outras formas, né? claro que a família também tem essa responsabilidade, mas aí imagina a pessoa que mesmo que não seja homossexual vive numa família que é super rígida, tradicional e que abomina, sei lá, homossexualismo, os homossexuais, aí eu acho que a escola não ia desmentir o que os pais ensinam em casa, mas a escola tem essa responsabilidade, só que não faz”. (Aluna 13,16 Anos, Aluna 15, 15 Anos)

“Vemos que os professores também não nos apoiam muito a maioria dos professores, acho que são preconceituosos”, “certa vez falei para um professor que eu era gay, já que o mesmo me passava confiança pra falar, mais fui surpreendido com o posicionamento dele, ele falou: como é que pode a pessoa deixar de ficar com uma mulher pra ficar com um homem peludo. Aí ele pra se justificar ele disse não tenho preconceito com nada que fique claro” (Aluno 8, 17 Anos)

A escola não deixa de refletir os posicionamentos políticos, culturais e religiosos dos sujeitos envolvidos. Mas também funciona como um elemento de reprodução do sistema de dominação vigente, em que os comportamentos do dominador e do dominado são ensinados e reificados. (Althusser, 1985). Portanto, cabe uma reflexão a respeito do papel emancipador ou doutrinador da escola, constituindo-se um debate que não se esgota.

- **4 A não geração de uma demanda visível, oficial, pois de antemão os alunos já sabem que a gestão não vai contemplá-los.**

“Eu acho que, eu vou ser bem sincera, eu acho que o preparo dos professores pra agir numa situação assim (de preconceito ou discriminação), é zero, zero. Na minha escola, pelo menos, assim, não que eu, quando se trata de passar o conteúdo eu não reclamo de nenhum professor, mas se for pra agir numa situação dessas eles não vão ter preparo, eles não tem e nem vão agir, o máximo que eles podem fazer, é tipo, se tá acontecendo uma coisa dessa na sala, eles vão dá um cartão, geralmente acontece mais com os meninos, mas, por exemplo, vão dá um cartão na pessoa que tá fazendo aquilo e depois que o professor sair da sala

ou até mesmo quando ele tiver na sala ainda eles vão fazer de novo, e de novo, e de novo, porque ninguém vai parar, se ta acontecendo uma coisa dessa nenhum professor vai parar a aula, por exemplo, e vai explicar que aquilo não deve ser feito e tal coisa, eles vão só dá um cartão mesmo e pronto, no menino, e pronto”. (Aluna 13,16 Anos. Aluna 15, 15 Anos)

“Não levamos certas questões para a direção da escola, pois sabemos que não vamos ser atendidos. Quando jogaram suco em mim na hora do lanche pelo o fato de terem me visto na rua beijando uma menina nem comuniquei a direção pois sei que não ia adiantar nada” (Aluna 47, 16 Anos).

“Dá mesma forma quando me chamam de gay, bixa² e várias outras coisas não digo nada a diretora pois sei que não vai dá em nada também” (Aluno 8, 17 Anos)

A negativa e não visualização por parte da direção e de professores, segundo os alunos, das demandas geradas por grupos, que podemos considerar como minorias, contribui para que a violência de gênero se consolide como um elemento constituinte da escola.

- **5 Relação direta do profissional com o tema que ele trabalha em sala de aula.**

“Os dois professores que deram essas aulas eles são homossexuais, um é (eu acho que pode chamar de travesti), trans, transexual, e o outro não é só homossexual, mas se veste como homem, então eu acho que pra eles, eu não vou julgar e dizer que foi uma coisa pessoal, mas pra eles eu achei que fosse importante explicar isso na sala de aula”. (Aluna 13, 16 Anos)

“A gente falou muito sobre o preconceito, porquê estava essa maior crise aí dessas coisas assim, matando os homossexuais, aí a gente falou no começo do ano passado, aí pra lembrar né? A pessoa lembra assim, de umas coisas, mas não lembra de tudo e também foi dois, que foi o de espanhol e o de inglês como eu disse a vocês (fazendo gestos com a mão, dando a entender que o professor é gay) todos dois, aí eles também estava se colocando no lugar, né? Porque sofre preconceito também e pronto, aí eles pediram o trabalho”. (Aluna 4,15Anos)

O mesmo pode ser dito a respeito da mobilização ou engajamento de pessoas em outras pautas ou causas sociais. Assim, os grupos que se mobilizam acerca de questões ligadas a segurança no trânsito, por exemplo, são formados, pelo menos inicialmente, por

² **Bixa** designa uma forma pejorativa de se referir ao homossexual masculino.

vítimas de acidentes ou parentes de vítimas de acidentes de trânsito. Ativistas das causas ambientais, especialmente ligadas a animais ou são profissionais das áreas como biólogos ou veterinários ou possuem animais de estimação (pets) e, portanto, se sentem compelidos a se organizarem e participarem politicamente da conquista e/ou garantia dos direitos para as categorias que defendem.

- **6 Mulheres aceitam mais a homossexualidade do que homens.**

“Tem muitos alunos que às vezes não é homossexual, mas pelo fato de ser mais calado, ou pelo fato de ser mais calmo, porque menino é mais agressivo assim, né? Qualquer coisa briga isso é uma coisa que é normal eu acho até que biologicamente falando, né? Mas quando tem aquele menino que não é muito agressivo, por exemplo, um menino chega com brincadeira dá um tapa em outro e o outro já vai e gera uma briga, uma briga de verdade, uma coisa séria que começa com uma brincadeira de um tapinha, e se tem um menino que, por exemplo, leva esse tapinha e não faz nada ele já não vai mais ser visto dentro daquela turminha dos meninos, então ele começa a ser considerado como gay, aí sim, tem aqueles comentários super desconfortáveis, chamando o menino de tipo, ah, não sei quem não faz isso porque é menininha na frente da pessoa, então isso muito, muito, muito, muito, muito mesmo, tipo, quase todos os dias eu vejo isso. (Aluna 15,15 Anos)

“Mulheres são menos preconceituosas do que os homens, até porque na maioria dos casos o melhor amigo de uma mulher é gay, eu por exemplo; meu melhor amigo é gay. Os homens são mais amostrados” ficam tirando ondas e ainda falando palavrões, faltando com respeito. Eles sentem necessidades de mostrarem que são os caras e querem sempre estarem por cima” (Aluno 2, 17 Anos)

Segundo os dados coletados até o momento, a heteronormatividade é mais facilmente adotada como um padrão comportamental por parte dos meninos do que pelas meninas. Os meninos reproduzem o preconceito e a violência com mais facilidade do que as meninas.

Assim, em fase seguinte da pesquisa, podemos refletir a respeito desta facilidade de introjeção e adoção de padrões por parte dos meninos e por meninas. Algumas questões surgem inicialmente a respeito dos dados, como por exemplo: Por que isso ocorre? Que elementos possibilitam este fenômeno?

Uma indicação é assertiva, o machismo e a padronização dos comportamentos heteronormativos e patriarcais tem se acentuado no Brasil nos últimos anos, especialmente levados à tona por políticos, a exemplo do presidente da república Jair Bolsonaro e de alguns líderes religiosos, sobretudo ligados as igrejas evangélicas pentecostais ou neopentecostais

- **7 A Escola não trata de Gênero:**

“A primeira vez que ouvi fala sobre homofobia, machismo, coisas desse tipo, foi fora da escola, como ouvia essas palavras em programas de TV, e as vezes em conversas aleatórias com amigos decidi pesquisar na internet o que era, e tudo que sei sobre esse assunto apendi pesquisando sozinho” (Aluno 7, 16Anos)

“Uma amiga que me falou sobre gênero, e me explicou o que era, e ao longo do tempo fui pesquisando mais sobre esse amplo assunto. Acho que algumas pessoas não entendem o que é gênero e atribuem gênero apenas a gays, por falta de informação e conscientização já que a escola não busca tratar esse assunto, então ficamos apenas com a internet pra ajudar e muita gente não se interessa em ir pesquisar. Acho que por isso temos tanta intolerância e preconceito com pessoas que tem uma escolha sexual, cor ou religião diferente da nossa, acho que o mal da minha geração é falta de uma boa formação que envolva diversidade” (Aluna 20, 18 Anos)

“Não sei porque a escola não trabalha gênero, não sou lésbica mais considero isso algo importante que deve ser trabalhado pela escola, já que a mesma forma cidadãos e deveria formar pessoas conscientes e sem preconceito”. (Aluna 14, 19 Anos)

“Em parte acho a escola bem fechada para o debate de gênero, tanto que não promove nada a respeito”. (Aluna 15, 15 Anos)

“Na nossa escola a única coisa que temos que fala abertamente de gênero são as eletivas, que trazem convidados para debater temas relacionados a gênero, mais nem todo mundo tem acesso a essa eletiva , pois a mesma é limitada , tem um número de vagas , só que as vezes ainda sobra vaga , vai depender muito das outras que forem oferecidas, a desse ano foi preenchida todas as vagas. (Aluna 39, 18 Anos)

Na nossa escola vez ou outra a direção chama um profissional pra fazer palestra sobre gênero. Eu acho muito interessante, queria que tivesse mais vezes. Acho que seria uma forma também de esclarecer as coisas pra ver se o preconceito que grande parte das pessoas carregam diminui (Aluna 61, 16Anos)

A escola não aborda nada sobre gênero, embora aqui estude muitos gays e lésbicas a escola não se manifesta de forma alguma pra falar sobre esse assunto. (Aluna 44, 16Anos)

Tudo que aprendi sobre gênero, homofobia e outros tipos de preconceito foi fora da escola ou em conversas aleatórias nos corredores da escola com amigos, porque a escola não disponibiliza esse tipo de diálogo de forma que envolva todos, tipo em uma palestra, ou em aulas. (Aluna 28, 17Anos)

O despreparo e o desinteresse dos profissionais das escolas pesquisadas com relação às questões de gênero ficam evidenciados nas falas dos alunos. Contudo, a que se esclarecer que, por muitas vezes, de forma errônea as pessoas circunscrevem a questão de gênero à questões ligadas a comunidade LGBTQIAP+ e esquecem que a própria questão de gênero surgiu a partir da opressão a qual os homens submetem as mulheres.

De acordo com Louro (2003), mulheres e LGBTQIAP+ estão sempre condições inferiores ao homem heterossexual, que ocupa lugar diferenciado na sociedade, diríamos até um lugar privilegiado, já que a sociedade abre espaço de forma diferenciada para pessoas do sexo masculino. Atribuindo mais valor à categoria masculina, tanto que o sexo masculino ainda é o predominante, enquanto feminino é visto como frágil. Desse modo o mesmo passa a ser esquecido. Um exemplo bem claro disso são as desigualdades salariais e os cargos de liderança ocupados mais pelos representantes do sexo masculino. Em relação aos LGBTQIAP+, a sociedade tenta silenciá-los e deixa cada vez mais claro que na sociedade tradicional não existe espaço para eles.

Assim, classicamente os estudos de gênero detiveram-se ao estudo da condição feminina e sobre as formas de rompimento com esta sujeição, a exemplo de Scott (1992), Saffiotti (1990), Wollostonecraft (2016).

- **8 – O preconceito está presente na vida de todos de forma direta ou indireta**

“Desde meu 7º ano na escola que sofro preconceito por ser lésbica, hoje no ensino médio sou vista como a “estranha” a anormal por alguns colegas e até mesmos professores, isso é difícil para mim, sabe? Mas tento não ficar pensando nisso se não, eu perco a vontade de vim a escola” (Aluna 29, 17 Anos)

“Já sofri preconceito por ser gay e já vi outros amigos e amigas sofrendo preconceito por ser gays, lésbicas, negros, ter religiões diferentes, e tudo isso é horrível pra gente que passa por essa situação, nós sentimos sem proteção na escola” (Aluna 22, 16 Anos)

O que podemos denominar ou visualizar como preconceito, na verdade é o padrão normativo da sociedade que impõe um modelo a ser adotado no desempenho das funções femininas e masculinas.

Assim, a heteronormatividade envolve todos os sujeitos inseridos em dada sociedade a ponto de não aceitar ou criar mecanismos de resistência a outros padrões comportamentais utilizados.

Com relação ao ambiente escolar, podemos observar que desde cedo a escola reproduz normas padrões da sociedade. Essa reprodução resulta na desigualdade e preconceito existente nela. Que atinge de forma direta ou indireta os estudantes.

- **9 – A realidade é diferente do discurso**

“Quando eu tiver filhos não quero que eles escolham a sua sexualidade, se nascer homem que seja homem, se nasce mulher que seja mulher. A mídia trata como se mudança de sexo fosse algo normal, mas não é. Eu não sou homofóbico e também não tenho preconceito. Só não quero que isso seja tratado de maneira que um garoto de 12 anos já saiba qual sexo quer ser. Eles merecem respeito, mas não ser tratados como algo normal”. (Aluno 33, 18 Anos).

“Não tenho nada contra gays, mas prefiro não me misturar, não é preconceito. Isso vai contra os meus princípios”. (Aluno 33, 18 Anos).

“Não tenho preconceito, mais não quero que futuramente quando eu tiver um filho ele seja gay, isso foge dos meus princípios”. (Aluno 25, 17 Anos).

Os dados desta pesquisa, especialmente após o tratamento e elaboração das categorias trabalhadas anteriormente apontam para a necessidade de desenvolvimento de pesquisas futuras, talvez no âmbito da pós-graduação, haja vista que o instrumental de pesquisa

utilizado foi capaz de capturar dados totalmente novos e inusitados que indicam a necessidade de se estudar os **Impactos do Bullyng Homofóbico**³ na vida destes estudantes.

“Muitas vezes fui chamado de bicha, mulherzinha, queima rosca, mas os professores fingem que não estão vendo. Me sinto péssimo quando isso acontece, tenho vontade de desistir de estudar” (Aluno 18, 17 Anos)

“Já sofri preconceito na escola, em casa e na rua, é muito difícil chegar na escola e ser motivo de zoação, chegar em casa e ser motivo de desgosto, passar na rua e ser chamada de palavras pejorativas e não pelo o meu nome. Não me sinto mais segura em lugar nenhum”. (Aluna 11, 16 Anos)

Já vi vários amigos e amigas minhas sofrendo preconceito e bullyng tanto na rua como na escola e isso me deixa extremamente triste, pois os vejo seres humanos como qualquer um outro, as vezes tento intervir nas agressões verbais que presencio contra eles, mais é em vão, acabo sendo agredida verbalmente também com palavras referentes a minha sexualidade. Pensam que por defender meus amigos gays eu também sou. (Aluna 55, 18 Anos)

“Já fui motivo de piadinhas para os meninos da escola por eu ter um jeito mais calmo e doce eu não sou homossexual mas como sou diferente dos outros meninos vivo mais na minha e não me misturo com eles sou tratado como se fosse gay por eles e eu fico muito desmotivado com isso (Aluno 48, 17 Anos)

“As vezes é melhor levar as piadinhas que fazem comigo na esportiva do que ao pé da letra porquê de qualquer forma não vou dar jeito e se eu ficar pensando nisso é pior, me tira a vontade de ir pra escola. (Aluna, 52, 16 Anos).

O interessante do fazer ciência, especificamente fazer pesquisa de campo é apreender facetas do fenômeno não antes descoberta ou ainda, reforçar elementos constituintes dos fenômenos estudados a fim de que as descobertas científicas se consolidem e, assim, seja possível propor saídas e alternativas para os problemas sociais estudados.

De forma geral, podemos observar que em todas as categorias elaboradas neste trabalho, a escola aparece como um local que merece ser dado mais atenção, como um ambiente de reflexão sobre o ideal e o real e, sobretudo, como um ambiente que não reflete,

³ A expressão Bullying Homofóbico é uma expressão criada por Galvão e Macedo (2019), mais especificamente neste trabalho, para designarem as formas de violência que os estudantes são vítimas no ambiente escolar, independente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, mas que utilizam como forma de agressão a referência a homossexualidade.

necessariamente a representação social que se faz da mesma como um ambiente de respeito, exercício da cidadania e construção da autonomia dos sujeitos.

A manifestação constante e cotidiana do *Bullying* Homofóbico é exemplo de que o ambiente escolar é, por vezes, senão via de regra violento e autoritário. Impositor de normas, regras e comportamentos que invalidam ou dificultam a expressão da diversidade humana, especialmente sexual.

Dando seguimento a organização adotada neste trabalho, passamos aos dados obtidos com os professores.

4.2.2 Professores

Com relação a capacitação dos professores para tratar da questão de gênero em sala de aula, como o preconizado pelos marcos regulatórios da Educação Básica, ou melhor, como exigência curricular das escolas os mesmos se reconhecem como despreparados ou desinteressados para tratar deste assunto.

“Durante a minha formação recebi nenhuma capacitação para trabalhar essa temática. Então, não me sinto preparada que não se sente preparada para abordar essa temática. (Professora 1, 55 Anos).

“Não me sinto preparado totalmente, porque não fiz curso, mas leio muito sobre isso e sei que o respeito deve estar em primeiro lugar”. (Professor, 14.20 Anos)

“Não totalmente, porque não fiz curso, mas leio muito sobre isso e sei que o respeito deve estar em primeiro lugar”. (Professora 2, 46 anos)

“Eu paguei uma disciplina optativa sobre gênero e sexualidade, também participei do Proext na linha de pesquisa sobre violência de gênero”. (Professora 2, 46 anos)⁴

“Não vejo debates nessas áreas, acredito que se houve são como temas em disciplinas, como as vezes procuro fazer nas minhas aulas, mas palestras e outros eventos ainda não vi”. (Professora 10, 36 anos)

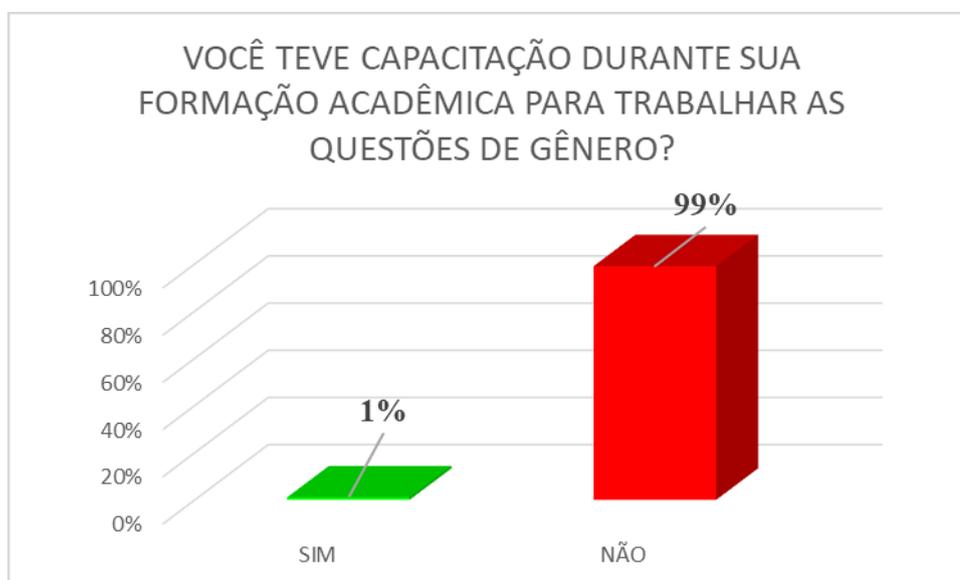
“Quando se faz necessário temos o papel de orientar e fazer com que os alunos reflitam sobre o respeito e a diversidade em seus diferentes aspectos. No entanto, não me sinto totalmente preparada para trabalhar com a temática, uma vez que o conhecimento que tenho sobre o assunto foi

⁴ PROEXT é o Programa de Extensão que a Universidade Federal de Campina Grande desenvolve.

adquirido através de leituras próprias e não de uma formação sobre a temática”. (Professora 5, 32 anos)

De outra forma, o Gráfico 10 reforça a fala dos professores a respeito da ausência de capacitação dos mesmos.

Gráfico 10 - Capacitação durante a formação



Fonte: Dados da própria pesquisa, 2019

Apesar de reconhecerem o despreparo, os professores reconhecem que a escola tem um papel importante no debate sobre as questões de gênero. Senão especificamente a respeito da diversidade sexual, pelo menos, no tocante ao respeito e observância dos direitos civis e as liberdades individuais asseguradas por lei.

“Não sei se a condição sexual de alguém pode ser alterada, pois desconheço o assunto” (Professora 1, 55 Anos).

“Durante os anos que atuo em sala nunca presenciei nenhum tipo de preconceito contra os LGBTQIAP+.” (Professora 1, 55 Anos).

“Sim, já presenciei homofobia na escola em tons de brincadeira. Os alunos falavam “lá vem ela”, “Aquele gayzinho”

Como você agiu? *Pedindo para que a pessoa respeitasse e se colocasse no lugar da pessoa*". (Professora 10,37 Anos)

"A escola também tem esse papel porque só assim os alunos vão ver que são aceitos em qualquer ambiente" (Professor 6. 45 Anos)

"Não escolhemos por quem vamos nos sentir atraídos, então creio que seja a vontade e o coração mesmo". (Professor 6.45 Anos)

"Quando se faz necessário temos o papel de orientar e fazer com que os alunos reflitam sobre o respeito e a diversidade em seus diferentes aspectos. No entanto, não me sinto totalmente preparada para trabalhar com a temática, uma vez que o conhecimento que tenho sobre o assunto foi adquirido através de leituras próprias e não de formação sobre a temática." (Professora 5, 35 anos)

"Bom, apesar de estarmos no século XXI, ainda nos deparamos com algumas pessoas que não querem assumir o que sentem por medo, e na escola não é diferente, temos alunos que escondem sua opção sexual por medo de não serem aceitos, nos professores sabemos que há uma diversidade enorme na escola, pois conhecemos nossos alunos, mas entre eles ainda há uma resistência."(Professora 3, 20 anos)

"Sim, um aluno disse que todos os homossexuais deveriam ser espancados até voltar ao normal. Eu o repreendi, disse que dá mesma forma que ele queria respeito, ele deveria respeitar, até porque não há nada mais normal e do jeito que ele tem direito de amar, qualquer outra pessoa também tem" (Professora 3, 20 anos)

"Vejo como uma questão enfrentada com mais naturalidade, embora com pequenas e pontuais intolerâncias; contudo, na qual trata-se de um assunto muito bem explorado, logo tratado da forma mais tranquila possível". (Professora 10, 36 anos)

"Tema que deve ser discutido em todos os ambientes onde possa agregar o jovem, mostrando-lhe a importância do respeito, socialização aceitação dentre outras coisas para uma sociedade justa e igualitária". (Professora 5, 32 anos)

"Uma questão presente no cotidiano escolar, mas precisa ser debatida e refletida cotidianamente." (Professor 4,24 anos)

"Com certeza, vivemos e convivemos em uma sociedade que se diz moderna, mas ainda há muito preconceito refletido em nossas vivências e ações". (Professora 11, 37 anos)

"A escola deve ser sim um espaço de diálogo e orientação também. Uma vez que, assim como a família é uma importante instituição social para a formação do indivíduo". (Professora 11, 37 anos)

Com relação a forma como a temática de gênero é abordada em sala de aula, de uma forma geral, os professores apontaram as ferramentas didáticas utilizadas para efetuar tal atividade.

“Não de maneira específica. Em algumas atividades como palestra, discutisse sobre diversidade de forma geral e em alguns acolhimentos busca-se trabalhar a diversidade sexual, mas de uma forma mais superficial, não há trabalho mais aprofundado sobre o tema”. (Professora 5, 32 anos)

“Sempre trabalhamos como o tema da diversidade sexual, por meio de palestras acolhimentos e sobre o respeito no nosso dia a dia, Mais ainda há rejeição por parte de algumas pessoas, inclusive dentro da família”. (Professora 2,46 anos)

Os marcos regulatórios da Educação Básica não atribuem a uma disciplina específica a tarefa de trabalhar as questões de gênero como conteúdo exigido na formação dos alunos. Ao contrário do que se possa pensar a respeito desta afirmação, exatamente por esta característica e dada a sua importância na formação dos sujeitos, as questões de gênero são tratadas como temas transversais.

Desta forma, todas as disciplinas e todos os professores estão, ou pelo menos deveriam estar, aptos a tratar às questões de gênero em sala de aula, já que as mesmas perpassam os conteúdos formais, já que atuam diretamente no desenvolvimento das habilidades exigidas aos alunos para conclusão de seus estudos.

A ampliação do entendimento de que a formação escolar dos sujeitos ultrapassa o aprendizado dos conteúdos fixos das disciplinas lecionadas é fundamental para compreender o papel da escola e do novo cidadão no contexto internacional e atual o qual rege a sociedade pós-moderna.

4.2.3 Direção

Iniciamos este item exatamente com uma fala que ilustra a contradição existente no entendimento dos profissionais da educação a respeito das habilidades que devem ser desenvolvidas nos alunos e das competências que os profissionais das escolas devem ter para desenvolver estas habilidades nos alunos.

Ao ser perguntada sobre a capacitação, uma das diretoras da escola responde que a capacitação não é fundamental, pois:

“Não, justamente, por pertencer a área de exatas onde não exige que estudemos sobre essa temática”. (Diretora 1, 42 anos).

A escola, apesar, de regulada por legislação que abarca a compreensão holística sobre a formação dos cidadãos atuantes e críticos e, portanto, não atrela a uma disciplina a tarefa de tratar das questões de gênero, o senso comum associa que determinados assuntos se referem a área das Ciências Humanas.

No entanto, os temas transversais aparecem exatamente pela possibilidade de transitar entre as várias disciplinas das diversas áreas, haja vista que seu objetivo é a formação total do sujeito.

Em outro momento, ao serem perguntadas se se sentem preparadas para lidar com as questões de gênero, as diretoras responderam que:

“Sim, mesmo não tendo existido essa capacitação durante a formação me sinto preparada para abordar essas temáticas na escola devido as experiências adquiridas em família e no ambiente escolar.” (Diretora 1, 42 anos)

“Me sinto preparada e sei que é um desafio, por se tratar de uma temática ainda bastante desconhecida, nova para muitos, isso causa um movimento inicial, mas nada que um profissional não consiga contornar e esclarecer para o grupo” (Diretora 2, 35 anos)

“Durante minha formação não tive nenhuma capacitação para trabalhar essa temática. Porém me sinto preparada para abordar essa diversidade no ambiente escolar” (Vice-diretora 3, 40 Anos)

O que podemos inferir com estas respostas e de acordo com a observação participante, juntamente com a literatura sobre o tema é que no tocante as questões de gênero, todas as pessoas se sentem preparadas para abordá-las, já que as mesmas fazem parte do cotidiano de todos os sujeitos, especialmente pela sexualidade e identidade de gênero constituírem parte importante da convivência humana.

Ilustrando o que foi dito temos a fala de uma das diretoras a seguir.

“Sim, minha formação foi em Ciências Sociais, portanto todo o todo curso foi permeado de questões relativas à diversidade cultural, étnica e gênero. Mas especificamente tive uma disciplina voltada para os Direitos Humanos como o Professor Fábio Freitas que muito contemplou a questão da diversidade de gênero formas de abordagem no ambiente no escolar”. (Diretora 2, 35 anos)

A dualidade das perspectivas existentes entre gestores e alunos é um fato salutar para se entender as nuances comportamentais do ambiente escolar. Desta forma, a respeito da existência e respeito a diversidade identitária e sexual, a Direção responde que:

“A direção é aberta para debater questões voltada para diversidade sexual. Enxergo de forma normal, inclusive temos uma professora trans que leciona na nossa escola onde existe respeito por parte da direção, dos professores e dos alunos”. (Diretora 1, 42 anos)

“A diversidade sexual existente aqui na escola, são muitas as opções presentes neste ambiente. Infelizmente muitos ainda tratam as opções que divergem da maioria com preconceito”. (Diretora 2, 35 anos)

“Na escola que atuo, a diversidade sexual é bem aceita”. (Vice-diretora 3, 40 Anos)

A Direção afirma que a diversidade sexual é bem aceita, inclusive que em uma das escolas existe uma professora trans. No entanto, a observação e os dados dos alunos indicam outra perspectiva. Assim, a visão da Direção é sempre contemporizadora, enquanto a dos

alunos é polêmica e objetiva em apontar eventos e situações em que a violência de gênero ocorre.

“Casos extremos não existiram durante esse tempo que estou na gestão, o que eu presenciei foram brincadeiras por parte dos alunos onde foi mencionado a sexualidade do colega no entanto a direção se posicionou e teve um diálogo com os envolvidos e sempre que acontece tentamos solucionar a situação para que a mesma não tome proporções maiores. (Diretora 1,42 anos)

“Durante a minha gestão não temos registro nenhum de caso de homofobia nesta escola.” (Diretora 2,35 anos)

*“A gestão se posiciona, de forma normal e respeita a todos”.
“Durante minha gestão nunca aconteceu um caso com ou sem violência de homofobia nessa escola” (Vice-diretora 3,40 Anos)*

Com relação a projetos do governo para formação ou inserção da escola nas discussões sobre o gênero, a gestão afirma que ou o governo não disponibiliza ou o material é complexo.

Se considerarmos a condição da região do Cariri Paraibano e sua distância dos maiores centros urbanos, essa questão se acentua. Contudo, não é este o problema em si e, sim uma política de governo que desprivilegia o direito das minorias.

“O governo em si não disponibiliza projetos para escola, nessa área o que ele disponibiliza são cartilhas voltadas para diversidade de gênero. A escola é quem toma partido para que haja os debates através de palestras com profissionais especializados na área” (Diretora 1, 42 anos)

“No momento nossa escola não se encontra em nenhum programa específico do governo que trate da diversidade de gênero.” (Diretora 2, 35 anos)

A direção aponta os poucos recursos disponíveis para a realização do trabalho das questões de gênero na escola. Assim:

“Palestras com profissionais” (Diretora 1,42 anos)

“Nos eventos que a escola realiza buscamos sempre contemplar a diversidade existente na escola, abordamos sempre a temática, mas não temos um evento específico para isso.” (Diretora 2, 35 anos)

“A escola se aborda gênero de forma interdisciplinar, e não e promove nenhum evento ou oficina para tratar da diversidade”. (Vice-diretora 3, 40 Anos)

No geral, falta capacitação, faltam eventos sobre o tema, faltam projetos, mas, sobretudo, observamos que falta compreensão sobre como os temas transversais devem ser trabalhados ou até mesmo como deve ser a formação total deste novo cidadão reflexivo.

Mesmo reconhecendo a importância da temática tanto para a escola tanto para as famílias, a gestão não indica possibilidades para romper com este dilema.

“É uma temática muito importante e que precisa ser debatida tanto na escola como no ambiente familiar. (Diretora 1, 42 anos)

“Acreditamos que a diversidade faz parte e que todos devem ser tratados aqui no ambiente escolar com a maior naturalidade possível. O respeito deve prevalecer para que a harmonia prevaleça em qualquer relação humana, portanto com a diversidade de gênero não é diferente. Não há ninguém melhor do que ninguém por ter sexo ou opção sexual diferente. Cada um deve ser respeitado na sua particularidade. Não admitimos comportamentos que venham de encontro a essa ideia aqui nesta instituição.” (Diretora 2,35 anos)

A respeito do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, ocorre a mesma situação anterior em que a direção não reconhece as falhas na execução da política educacional de gênero.

A exemplo de outras experiências em escolas durante a realização da Residência Pedagógica como requisito para o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, o PPP infelizmente é meramente ilustrativo. Boa parte do que preconiza o PPP não é cumprido, especialmente no que diz respeito ao protagonismo dos alunos nas diretrizes da escola.

“O PPP da escola aborda questões de gênero sim o mesmo trabalha a temática através de projetos pedagógico nas diversas disciplinas

geralmente esses projetos são inscritos e premiados no mestre da educação”. (Diretora 1,42 anos)

“O PPP da Escola aborda sim a questão da diversidade e alguns professores trabalham a temática em forma de disciplinas eletivas ou projetos”. (Diretora 2,35 anos)

“Não sei de que forma o PPP da escola trata esse assunto, não tenho conhecimento pois é outra pessoa que o formula” (Vice-diretora 3.40 Anos)

Os dados desta pesquisa apontam para perspectivas diferentes entre os agentes escolares (alunos, professores e direção), fazendo-se necessário um aprofundamento do tema em pesquisas futuras, quiçá em programas de pós-graduação em que pretendo dar continuidade a abordagem do tema e a minha formação acadêmica nas Ciências Sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho algumas considerações são pertinentes no sentido de enfatizar as principais descobertas ou observações de pesquisa.

Assim, podemos afirmar que as escolas, de modo geral, estão pouco preocupadas em trabalhar a diversidade e incluir a todos em sua dinâmica cotidiana, como preconizado nos marcos regulatórios da Educação Básica, a exemplo de PCNs, OCNs, BNCC e LDB, a prova disso são as três escolas pesquisadas.

Desta forma, a primeira escola trata gênero de forma coadjuvante ao conhecimento estruturado nas disciplinas de maior monta, através da oferta de disciplinas eletivas, eventos de acolhida aos alunos e de um projeto voltado para educação sexual, mais nenhuma delas abordam diretamente questões LGBTQIAP+, então nesse aspecto a diversidade não é trabalhada.

A segunda escola não aborda essa temática de nenhuma maneira, pois a diretora afirma que essa questão é “bem aceita” na escola, mas ao entrevistar alunos da mesma instituição descobrimos um discurso que contradiz o discurso da diretora, os mesmos alegam que na escola existe homofobia sim, e que ela se manifesta através de” brincadeiras” acompanhadas de termos pejorativos tanto nos corredores quanto na sala de aula, e na maioria das vezes isso acontece na presença de professores ou da gestão , mas simplesmente eles fingem que não ouvem e não tomam nenhuma providência.

A terceira escola é aberta para o debate de diversidade de gênero. A mesma sempre procura promover palestras com profissionais especializados na área. A equipe de profissionais da escola três, conta com uma profissional trans, que não tivemos a oportunidade de entrevistá-la.

De acordo com a gestora essa professora é respeitada por todos, e que há apenas uma pequena resistência da não aceitação dessa profissional por parte de alguns pais que consideram essa transição como algo errado. Mesmo com essa pequena resistência a escola em momento nenhum teve problemas com essa questão.

As escolas tentam encobrir o máximo que podem os casos de homofobia existente nelas, principalmente a gestão escolar que diante desses casos, mantêm um posicionamento de silenciamento, para que não haja escândalos com os nomes das escolas, e com essa atitude

sempre acabam amenizando o lado agressor e deixando a vítima do *bullying* homofóbico desamparada.

Dessa forma os casos de homofobia e preconceito nunca são classificados como uma violência de gênero, são consideradas, apenas, enquanto desentendimento comum entre colegas de sala

Os dados desta pesquisa indicam que a invisibilidade da questão da violência de gênero, mais especificamente da violência homofóbica, se deve mais ao despreparo ou insegurança dos professores e da gestão em tratar com a questão do que realmente uma convivência com o caso.

A maioria dos professores, quase uma unanimidade, afirmou que não participou de capacitações a respeito da questão de gênero e que não se sente preparado para trabalhar esta questão em sala de aula.

A própria direção afirmou que desconhece o conteúdo do PPP, a diretriz maior da escola. Por conseguinte, todos estes elementos corroboram para a perpetuação da violência de gênero dentro do ambiente escolar, a partir de sua frequência e naturalização do comportamento heteronormativo, que passa a estabelecer os demais como toleráveis.

Assim, acreditamos que a partir de tal diagnóstico dessas escolas, será possível promover políticas de conscientização e de combate à homofobia de modo particular nas escolas, o que conseqüentemente irá formar uma sociedade mais consciente e que seja capaz de respeitar o outro com suas diferenças.

E na hipótese de já existir medidas de combate a homofobia que sejam postas em prática nessas escolas, pode aprimorar tais medidas de modo que possam alcançar outras escolas circunvizinhas, e mais, ir para além das escolas e alcançar toda a população do Cariri Paraibano, pois os casos de homofobia não ocorrem apenas nas ruas, nas escolas ou em estabelecimentos públicos, mas em suas próprias casas e pelos seus próprios familiares.

A proposta dessa pesquisa reflete as possíveis contribuições da sociologia no enfrentamento da Homofobia no ambiente escolar. Por meio dessa pesquisa buscamos contribuir com a temática trabalhada pela Sociologia enquanto disciplina do Ensino Médio, apontando e ajudando a compreender a diversidade e o preconceito e a violência que aparece fortemente no ambiente escolar e como parte do ensino.

Pois, é no ambiente escolar que se inicia a construção da sociedade, que deveria ser construída de forma igualitária e justa, e não de forma excludente, em que as instituições se tornam uma máquina reprodutora de diversos preconceitos e da violência de gênero.

Dessa forma é necessário que se trabalhe a diversidade de gênero, não apenas em uma palestra ou uma disciplina eletiva, mas em todo ambiente escolar, envolvendo todos os agentes/sujeitos da escola neste processo, especialmente a partir da consideração cabal de que as relações de gênero e socialização não se limitam apenas a sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro (RJ): FGV; 1990.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, Ministério da Educação, 1999.
- BECKER, Howard Saul. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 2008.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo e Sociedade: para uma teoria geral da política**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997:35.
- BOURDIEU, Pierre, **A Dominação Masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2016
- CALAF, Priscila Pinto. BERNARDES, Gustavo Carvalho. ROCHA, Gabriel dos Santos (orgs.). **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011**. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DURKHEIM, Emile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. 3.ed. São Paulo, SP: UNESP, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. “Estudos de Gênero no Brasil”. *In*: O que ler nas Ciências Sociais (1979-1995). São Paulo: Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1989. Sociologia Vol. II.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: _____. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas”. *In*: **Revista Bagoas**, Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf. Acesso em 19 de out 2018>.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas”. *In*: **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2012.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. – **Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação**. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso 21 de fevereiro de 2019

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RESOLUÇÃO CFP Nº 001/99, de 22 de março de 1999. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF.

RIBEIRO, Sheila Santos Carvalho. “A Ideologia da Escola para Althusser: Definições e contraposições”. **Revista Fasem Ciências**. Vol. 2, n. 2, jul.-dez./2012

SAFFIOTI, Heleieth I. B, Rearticulando Gênero e Classe Social *In*: COSTA, Albertina de Oliveira;e BRUSCHINI, Cristina. (org). **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992

SCOLA, Franciele Bianca. AMARAL, Sérgio Tibiriçá. HOMOFOBIA. ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ISSN 21-76-8498, América do Norte, 3 4 08 2009.

Disponível em:

<<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/1469/1402>>. Acesso em 20 de out 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos. *In*: **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SILVA, Juliana Feitosa da. **As Configurações de Gênero no Ambiente Escolar**. Sumé: UFCG, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Ciências Sociais.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Lei 7.716/1989. Disponível: em:

<<http://portal.stf.jus.br/> >

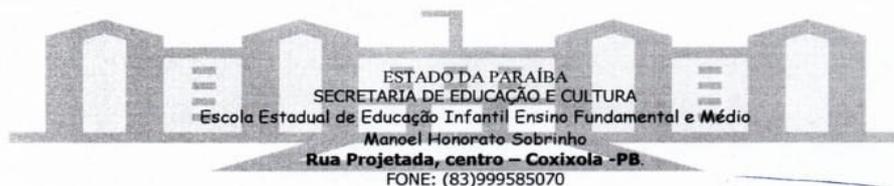
TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TERAPEUTA FELIPE. “Violência Psicológica: enfoque na psique do homossexual”. *In*: Recanto das Letras. Disponível em: <<http://recantodasletras.com.br/artigos/3152810>> Acesso em 15/04/2017.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

VIDAL, Marciano et alii. **Homossexualidade: ciência e consciência**. SP, Loyola, 1985.

WOLLOSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos Direitos da Mulher. São Paulo: Boitempo, 2016.

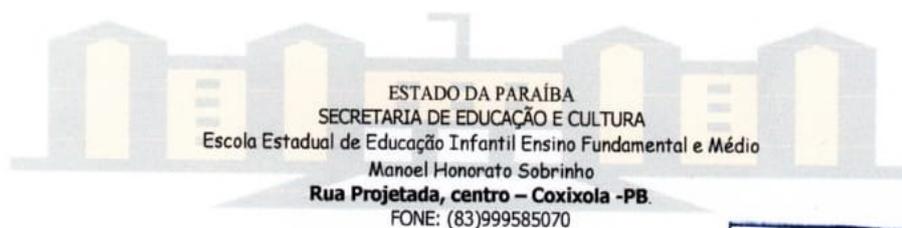
APÊNDICE -A TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**

Eu, Santana Pereira Flor, Vice- Diretora da Escola Estadual de Educação Infantil Ensino Fundamental e Médio Manoel Honorato Sobrinho , autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: homofobia no ambiente escolar, nesta instituição , que será realizada no período de 22/08/2018 a 24/08/2018, tendo como pesquisadora coordenadora a Prof(a). Dr(a) Sheylla de Kassia da Silva Galvão e orientanda, a aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Fabiana Farias de Macedo .

Coxixola, 22 de agosto de 2018

Santana Flor
Vice - Diretora
Mat. 169856-7

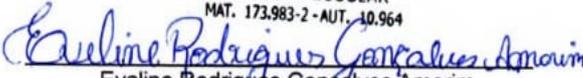
APÊNDICE -A TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL



TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Eveline Rodrigues Gonçalves Amorim Diretora da Escola Estadual de Educação Infantil Ensino Fundamental e Médio Manoel Honorato Sobrinho, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: homofobia no ambiente escolar, nesta instituição, que será realizada no período de 18 /06/2019, tendo como pesquisadora coordenadora a Prof (a). Dr(a) Sheylla de Kassia da Silva Galvão e orientanda, a aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Fabiana Farias de Macedo .

Coxixola, 18 de junho de 2019.

Eveline R. Gonçalves
 DIRETORA ESCOLAR
 MAT. 173.983-2 - AUT. 10.964

 Eveline Rodrigues Gonçalves Amorim
 Diretora

APÊNDICE -A TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Estado da Paraíba
Secretaria da Educação e Cultura
5ª GRE – Monteiro - PB
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Alves Campos
Avenida Senador Rui Carneiro. S/N – Centro – Congo – PB
CEP: 58.535-000 – TEL: (83) 3359-1065

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, ADRIANA BEZERRA DA SILVA, vice - diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Alves Campos, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: homofobia no ambiente escolar, nesta instituição , que será realizada no período de 18/ 06/ 2019 a 19/ 06/ 2019, tendo como pesquisadora coordenadora a Prof(a). Dr(a) Sheylla de Kassia da Silva Galvão e orientanda, a aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Fabiana Farias de Macedo .

Congo, 18 de junho de 2019


ADRIANA BEZERRA DA SILVA
VICE - DIRETORA

APÊNDICE -A TERMOS DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**GOVERNO
DA PARAÍBA**

Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia

5ª Gerência Regional de Ensino**ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROF. JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ**

Autorizado através do Decreto n.º 6102 de 09/03/74 e 7235 de 11/04/1977

Rua Prof. Guiomar Coelho 201 – Centro – Sumé – PB

CEP 58.540-000 - CNPJ 01.744.014/0001-82

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Edilza de Oliveira Silva, Gestora da Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: homofobia no ambiente escolar, nesta instituição, que foi realizada no período de 18/06/2019 a 04/07/2019, tendo como pesquisadora coordenadora a Professora. Dra. Sheylla de Kassia da Silva Galvão e orientanda, a aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Fabiana Farias de Macedo.

Sumé, 04 de julho de 2019

EDILZA DE OLIVEIRA SILVA

GESTORA

Edilza de Oliveira Silva

DIRETORA ESCOLAR

Matrícula 173 667-1

Autorização Nº 10 993

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr.(a)

Eu, Sheylla de Kassia Silva Galvão, coordenadora responsável pelo projeto intitulado **IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: homofobia no ambiente escolar**, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência Política (GEPESCP), da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, da, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, irei desenvolver pesquisa com o objetivo geral de Avaliar a existência da Violência de Gênero no ambiente escolar de três municípios do Cariri Paraibano, a saber Congo, Coxixola e Sumé, E que utiliza como instrumento de coletada de dados questionários, entrevistas semi-estruturada e gupo focal junto a direção, aos professores e aos alunos de três escolas do Cariri Paraibano.

O motivo que nos leva a estudar o assunto são os altos índices de violência de gênero registrado no país e que tem como vítimas adolescentes e jovens compreendidos na faixa etária entre 15 e 19 anos, e portanto, em idade escolar.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, pois não acarretará qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo:

Atenciosamente,

Sheylla de Kassia S. Galvão

Fone: (83) 3353.1850

Consentimento do voluntário.

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

_____, ____/____/____

Assinatura do Participante

Endereço da pesquisadora responsável (trabalho): Sheylla de Kassia S. Galvão
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA/UFPG Rua Luiz Grande, S/N - Sumé-
PB - CEP 58540-000 - Telefone: (83) 3353.1850 e-mail: skgalvao@gmail.com

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL –CDSA
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS-UACIS

PROJETO DE PESQUISA:
**IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO:
HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR.**

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Questionário para **Direção**

Idade: _____ Formação: _____ sexo: F () M ()
Área de Atuação (disciplina): _____

1. Como você enxerga a questão da diversidade sexual na escola em que atua?
2. Durante sua formação você teve uma capacitação/preparação para trabalhar temáticas que envolvam gênero na escola? Se sim, qual foi?
3. Você se sente preparada (o) profissionalmente para discutir temáticas que abordem a diversidade sexual no ambiente escolar?
4. A escola participa de algum projeto do governo que trabalhe a diversidade gênero? Se sim, qual?
5. O quê PPP da escola fala sobre a diversidade de gênero?
6. A escola promove algum evento ou oficina para tratar essa diversidade?
7. Qual o posicionamento da direção em relação a essa diversidade de gênero?
8. Nessa escola já aconteceu algum caso de homofobia com/sem violência? Se sim, qual foi o posicionamento da direção?
9. Você quer fazer algum comentário sobre o tema dessa entrevista? Gostaria de acrescentar algo?

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL –CDSA
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS-UACIS

PROJETO DE PESQUISA:

**IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO:
HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR.**

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Questionário para os **Professores**

Idade: _____ Formação: _____ sexo: F () M ()

Àrea de Atuação (disciplina): _____

1. Como você enxerga a questão da diversidade sexual na escola em que atua?
2. Durante sua formação você teve uma capacitação/preparação para trabalhar temáticas que envolvam gênero na escola? Se sim, qual foi?
3. Você se sente preparada (o) profissionalmente para discutir temáticas que abordem a diversidade sexual no ambiente escolar?
4. A escola em que você trabalha procura tratar essa temática? De que forma?
5. Você acha que há necessidade de trabalhar essas temáticas na escola? Se sim, porquê?
6. Em sua profissão, você já presenciou alguma discriminação a alunos LGBT? Pode descrever como aconteceu?
7. Como você agiu diante a essa situação?
8. Você acredita que as discussões sobre orientação sexual devem ser algo pertencente apenas a família ou acha que as escola também deve promover esse debate? Por que?
9. Para você o que faz com que a orientação sexual de alguém seja definida?
10. Você acha que a orientação sexual de alguém pode ser alterada?
11. Como você se sente na presença de pessoas homossexuais?
12. Você acredita que pode haver a superação de preconceitos existentes na escola? Se sim, de que forma?
13. Você quer fazer algum comentário sobre o tema dessa entrevista? Gostaria de acrescentar algo?

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Projeto de Pesquisa: **IDENTIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CARIRI PARAIBANO: homofobia no ambiente escolar**

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Questionário para **Alunos**

Idade: Sexo: F () M () Cor: Renda: Série:

1. Você já ouviu falar sobre gênero?
2. O que você entende sobre gênero?
3. Para você o que é a homossexualidade?
4. Você já ouviu falar em Homofobia?
5. Para você o que é homofobia?
6. Você já viu alguém na sua escola praticar homofobia?
7. Se sim, pode dar exemplos?
8. E alguém sofrendo homofobia, você já viu?
9. Poderia contar como foi?
10. Você já presenciou alguém sofrendo algum preconceito? Se sim qual foi sua reação?
11. Você acredita que a pessoa escolhe ser gay ou não?
12. Para você o que faz com que a condição sexual de alguém seja definida?
13. Na sua escola são abordadas as temáticas gênero e homofobia?
14. Você acha que há necessidade de trabalhar essas temáticas na escola? Se sim, porquê?
15. Você já sofreu algum tipo de preconceito na escola? Se sim, explique como foi?
16. Para você a escola possui a obrigação no combate às diversas formas de preconceito ou isso é um papel da família? Porquê?
17. Se você descobrisse que seu melhor amigo era homossexual, qual seria sua reação?
18. Se você fosse homossexual, como você acha que seria a reação da sua família?
19. Você se sente incomodado ao ver um casal de homossexuais juntos? se sim, por quê?
20. Pessoas homossexuais te deixam nervoso?
21. Você acha que a orientação sexual de cada pessoa pode ser alterada?